

UFRRJ
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA

DISSERTAÇÃO

**EMPREENDEDORISMO E EDUCAÇÃO: O USO DA PEDAGOGIA
EMPREENDEDORA NA FORMAÇÃO DO TÉCNICO EM
AGROPECUÁRIA DA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA
DO PACUÍ – MACAPÁ/AP**

DARLENE DO SOCORRO DEL-TETTO MINERVINO

2014



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

**EMPREENDEDORISMO E EDUCAÇÃO: O USO DA PEDAGOGIA
EMPREENDEDORA NA FORMAÇÃO DO TÉCNICO EM
AGROPECUÁRIA DA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA
DO PACUÍ – MACAPÁ/AP**

DARLENE DO SOCORRO DEL-TETTO MINERVINO

Sob a orientação da Professora

Dra. Sandra Regina Gregório

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de concentração em Educação Agrícola.

Seropédica, RJ
Dezembro de 2014

630.7

M664e

T

Minervino, Darlene do Socorro Del-Tetto, 1982-
Empreendedorismo e educação: o uso da
pedagogia empreendedora na formação do
técnico em agropecuária da escola família
agrícola do Pacuí - MACAPÁ/AP / Darlene do
Socorro Del-Tetto Minervino - 2014.

70 f.

Orientador: Sandra Regina Gregório.

Dissertação (mestrado) - Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro, Curso de
Pós-Graduação em Educação Agrícola.

Bibliografia: f. 55-57.

1. Ensino agrícola - Teses. 2. Ensino
profissional - Teses. 3. Educação - Estudo e
ensino - Teses. 4. Empreendedorismo - Teses.
5. Agricultura familiar - Teses. I. Gregório,
Sandra Regina, 1960-. II. Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro. Curso de
Pós-Graduação em Educação Agrícola. III.
Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

DARLENE DO SOCORRO DEL-TETTO MINERVINO

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM / / 2014

Profa Dra. Sandra Regina Gregório - UFRRJ
(Orientadora)

Prof. Dr. Ramofly Bicalho dos Santos - UFRRJ

Profa. Dra. Mirian Ribeiro Leite Moura - UFRJ

*A Deus;
Que é minha fortaleza e me ensinou a ter fé na
vida;*

*À minha mãe (saudades eternas),
pelo amor que me mostrou e por sua presença
que é eterna na minha alma;*

*À minha família,
por representar a minha raiz e identidade de
vida.*

AGRADECIMENTOS

Trago na memória, para o resto de minha vida, os momentos bons que surgiram no meio das dificuldades, pois foi nos momentos mais difíceis que senti a mão de Deus estendida sobre mim. Esses momentos são a prova marcante da capacidade que temos de vencer os obstáculos quando guiados sob o direcionamento divino que nos auxilia em qualquer situação, em qualquer tempo.

Sou grata a minha orientadora, Professora Dra. Sandra Regina Gregório, pela orientação dadaa este trabalho;

Ao meu filho de coração David Cesar, por estar ao meu lado em todos os momentos da construção deste trabalho;

À minha amiga, irmã de alma Prof. Dra. Ângela Ubaiara pelo apoio incondicional e que me fez enxergar que o tempo gera perfeição e que o fruto só é colhido quando ele está pronto para dar, ao paladar, o doce gosto do tempo certo da colheita.

“Posso, tudo posso naquele que me fortalece
Nada e ninguém no mundo vai me fazer desistir
Quero, tudo quero, sem medo entregar meus projetos
Deixar-me guiar nos caminhos que Deus
desejou para mim e ali estar.”

Padre Fabio de Melo

RESUMO

MINERVINO, Darlene do Socorro Del-Tetto. **Empreendedorismo e educação: o uso da pedagogia empreendedora na formação do técnico em agropecuária da escola Família Agrícola do Pacuí – Macapá/AP**. 2014, 70p. (Dissertação, Mestrado em Educação Agrícola) Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Seropédica, UFRRJ, RJ.

O trabalho de pesquisa analisou e refletiu como o princípio do ensino empreendedor interfere na formação do sujeito do campo, tendo como objeto de estudo o Curso Técnico de Nível Médio em Agropecuária ofertado pela Escola Família Agrícola do Pacuí, no município de Macapá. A questão da pesquisa investiga quais as contribuições que o princípio da pedagogia empreendedora estabelece na formação humana dos alunos para além do desenvolvimento profissional e mercadológico. A metodologia pauta-se numa abordagem qualitativa, usando o estudo de caso, utilizando-se das técnicas de observação, diálogo, análise de documentos e aplicação de questionário. Os dados foram analisados de forma qualitativa na triangulação das informações e observações *in loco*. Os resultados indicam que as diretrizes pedagógicas da escola, dialogam com o ensino empreendedor para compor a formação dos alunos influenciando na vida do jovem rural, no sentido de motivá-los para o desenvolvimento pessoal e profissional, o que gera, conseqüentemente, o desenvolvimento da comunidade em que estão inseridos. Porém, existe uma falta de discussão política e social na análise da realidade no que se refere às políticas públicas educacionais do ensino empreendedor que transcenda a ideologia empreendedora de mercado. É necessário então, a escola assumir o diálogo e o debate sobre o empreendedorismo educacional como um viés pedagógico do ensino, a fim de promover uma formação que promova a mudança e o senso crítico do aluno, considerando as novas relações estabelecidas pela sociedade do conhecimento.

Palavras-Chave: Educação Profissional, Pedagogia Empreendedora, Escola Família Agrícola.

ABSTRACT

MINERVINO, Darlene Socorro Del-Tetto. **Entrepreneurship and education: the use of entrepreneurial pedagogy in the formation of the technical school of agriculture in Pacuí Agricultural Family – Macapá/AP**. 2014, 70p. (Dissertation, Master of Science in Agricultural Education) Post - Graduate Program in Agricultural Education. Federal Rural University of Rio de Janeiro. Seropédica, UFRRJ, RJ.

The research work analyzed and reflected how the entrepreneur principle interferes in the field subject formation, having as a study object the Highschool Technician Course in Agriculture offered by the Escola Família Agrícola from Pacui, in the city of Macapá. The research investigates which contributions that the entrepreneur pedagogical principle establishes in the students human formation and beyond the professional and market development. The methodology is based in a qualitative approach, using the case study, using the observation technics, dialogues, documents analysis and a quiz application. The data were analyzed in the qualitative way in information triangulation and *in loco* observations. The results show that the school pedagogical guidelines, dialogue with the entrepreneur teaching to make the students formation influencing in the rural young, in a way to motivate them in the professional and personal development, what generates, consequently, the town development where they are inserted. However, there is a lack of political and social discussion in the reality analysis that deals with the educational public politics in the entrepreneur teaching that goes through the market entrepreneur ideology. So it is necessary that the school takes on the dialogue and the debate on the educational entrepreneur as an education entrepreneurship bias, so as to promote a formation that takes the student critical sense to a change, considering the new established relations by the knowledge society.

Keywords: Professional education, entrepreneur pedagogy, agricultural family school.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Divisão das competências por domínios	14
Figura 2 – Alunos transportando material para reciclagem	24
Figura 3 – Estrada de acesso à escola	26
Figura 4 – Aviário da EFAP	29
Figura 5 – Gráfico demonstrativo de resposta dos alunos	34
Figura 6 – Gráfico demonstrativo de respostas dos alunos	46
Figura 7 – Características empreendedoras mais conhecidas e/ou aplicadas pelos docentes durante os componentes curriculares	49
Figura 8 – Características empreendedoras mais identificadas pelos discentes durante os componentes curriculares.	49

LISTA DE SIGLAS

AEES	Associação dos Amigos do Espírito Santo
AFEFARP	Associação das Famílias da Escola Família Agrícola
CNE	Conselho Nacional de Educação
EE	Educação Empreendedora
EFAP	Escola Família Agrícola do Pacuí
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
PE	Pedagogia Empreendedora
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MS	Mapa do Sonho
PPJ	Projeto Profissional do Jovem
PPP	Projeto Político Pedagógico
RURAP	Instituto de Desenvolvimento Rural do Amapá
SEBRAE	Serviço Brasileiro de apoio às Micro e Pequenas Empresas
SENAR	Serviço Nacional de Aprendizagem Rural
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	1
2 REFERENCIAL TEÓRICO	3
2.1 Educação e Sociedade: Breves Reflexões Contemporâneas	3
2.2 Educação Empreendedora	4
2.3 Formação Empreendedora	10
2.4 Competências Empreendedoras	16
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	22
3.1 Estudo de Caso na Investigação	22
3.2 Procedimentos da Pesquisa	22
3.3 Caracterização das Fases da Pesquisa	23
3.3.1 Características e Análise Documental da Escola Família Agrícola	23
3.3.2 Experiências no Ambiente Escolar: vivência na rotina educativa dos alunos	23
3.3.3 Transcrição das Informações Coletadas	26
3.4 Sujeito da Pesquisa	27
3.4.1 Escola Campo da Pesquisa	27
3.4.2 Discentes	28
3.4.3 Pais e/ou responsáveis, Docentes e Gestores	29
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	31
4.1 Concepções Empreendedoras e sua Correlação no Curso Técnico em Agropecuária	31
4.2 O Princípio da Educação Empreendedora nas Diretrizes Pedagógicas e Documentais	38
4.2.1 Indicativos da Pedagogia Empreendedora no Plano de Curso	41
4.3 Competências Empreendedoras na Práxis de Professores e Alunos	47
5 CONCLUSÕES	52
REFERÊNCIAS	55

APÊNDICES	58
Apêndice A – Questionário Aplicado aos Docentes	59
Apêndice B – Questionário Aplicado a Gestora	62
Apêndice C – Questionário aplicado aos pais e/ou responsáveis	65
Apêndice D – Questionário aplicado aos discentes	67
Apêndice E – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	70

1 INTRODUÇÃO

O trabalho de pesquisa discutiu o empreendedorismo voltado para a educação, na qual analisou a formação dos alunos de um Curso Técnico de Nível Médio em Agropecuária, no Estado do Amapá. O empreendedorismo tem como princípio, a ação do sujeito na constituição de sua formação como pessoa para o mundo do trabalho. Nesse processo exclui a aprendizagem com base na educação tradicional meramente voltada para o mercado competitivo, e a fundamenta na concepção humana e coletiva, voltada para o parâmetro sustentável, na qual inclui o aluno.

A educação empreendedora que tem seu aporte teórico na formação da pessoa como protagonista de sua história que se compromete com o desenvolvimento e a sustentabilidade da vida humana, fomenta uma aprendizagem que seja relevante na construção de significados e formação do conhecimento. Tal educação discute as descobertas científicas e tecnológicas no cenário sócio-político e econômico do modelo globalizado e a inserção do sujeito nesse contexto.

A discussão no trabalho não tem a intenção de compreender a educação empreendedora sem críticas como se fosse o aporte teórico ideal, mas busca na pesquisa investigativa fomentar debate sobre a educação tradicional, tendo a educação empreendedora como uma forma de ensino aprendizagem que possibilite a criticidade do aluno político em seu contexto, que nesse caso é representada pela educação do campo. No Brasil, a educação do campo constitui-se por características próprias das escolas rurais que também são afetadas pelas mudanças da sociedade contemporânea.

O contexto da pesquisa investiga uma Escola Família Agrícola que segue a linha da Pedagogia da Alternância, na qual foram identificados princípios da educação empreendedora em seu currículo, que possibilitaram a investigação. Entende-se que o empreendedorismo oriundo da área empresarial está cada vez mais sendo discutido na educação, ou seja, o empreendedorismo focado no ato de educar para a promoção do desenvolvimento do homem através das suas conquistas, inovações, necessidades sociais e a busca de uma sociedade justa e igualitária.

O enfoque do estudo compreendeu a relação do princípio da pedagogia empreendedora no modelo pedagógico desenvolvido no ensino profissionalizante rural, adotado pela escola família agrícola, especificamente no curso técnico em agropecuária. No projeto educativo proposto pela escola, as relações entre educação, trabalho e empreendedorismo aparecem intrínsecas na formação dos jovens do campo, preparando-os para o mundo do trabalho. Assim, investigou-se a seguinte pergunta: Quais as contribuições que o princípio da pedagogia empreendedora estabelece na formação humana dos alunos, do curso técnico de nível médio em agropecuária, na forma integrada, para além do desenvolvimento profissional e mercadológico?

Como objetivo, analisou-se as contribuições do princípio da pedagogia empreendedora, na formação dos alunos de um Curso Técnico de Nível Médio em Agropecuária, de uma Escola Família Agrícola, localizada na zona rural de Macapá. Especificamente, identificou-se as concepções que permeiam as práticas da pedagogia empreendedora na referida escola; estabeleceu-se a correlação entre o empreendedorismo educacional na formação dos alunos do curso técnico em agropecuária para além da formação profissional e mercadológica; e por último, verificou-se que a pedagogia empreendedora contribui para o desenvolvimento das competências requeridas na formação do técnico em agropecuária.

O procedimento metodológico sustentou-se no paradigma qualitativo, que buscou entender como o curso é desenvolvido na educação do campo, com uso de entrevistas, questionários e análise de documentos, entre eles, o Plano de curso e Projeto Político Pedagógico (PPP). Assim, seus os princípios de um estudo de caso, pois, investiga em profundidade uma única instituição. O trabalho está estruturado em três capítulos: O primeiro capítulo discute o referencial teórico, o qual trata da concepção da Educação Empreendedora, a formação empreendedora e suas competências como fundamento para compreensão dessa abordagem na formação dos alunos do curso técnico.

O segundo capítulo descreve a metodologiadapesquisa baseada no Paradigma Qualitativo na abordagem de um estudo de caso. Assim, caracteriza-se a escola campo de pesquisa, os participantes que são os alunos investigados, bem como define-se as formas de tratamento e análise dos dados. O terceiro capítulo discute os resultados da pesquisa, no qual analisa-se a educação profissional e a concepção empreendedora no plano de curso e nas práxis dos alunos e professores.

Na conclusão faz-se uma análise da educação empreendedora com uma possibilidade de formação para aluno da educação do campo que forme um sujeito crítico, político e social no contexto em que vive, porém tem seus desafios a serem enfrentados, pois, o conceito vem do mundo empresarial para a educação, que nesse caso, necessita de uma crítica política e social, para também não se tornar um processo educativoreprodutivo, excluindo a densa formação de conhecimento que possibilite ao aluno ações além de simples iniciativas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Educação e Sociedade: Breves Reflexões Contemporâneas

Atualmente o Brasil participa do período da revolução tecnológica que se consolida com base no conhecimento. O conhecimento torna-se a palavra chave em todas as atividades da vida humana, caracterizada principalmente pela rapidez das informações. Essas mudanças com base no processo de transformação tecnológica e científica promovem um marco histórico na sociedade contemporânea conhecida como globalização.

Os efeitos desencadeados pela globalização, na cultura / no dia a dia / no processo de endoculturação (BRANDÃO, 1998) da sociedade ocidental que constituía estrutura social brasileira, afeta diretamente o sistema educacional. Sob essa perspectiva é determinante entender que a função social da educação no mundo de hoje está diretamente relacionada às novas demandas da sociedade do século XXI. Para Frigotto e Ciavatta (2006, p. 84) “cada conjuntura tem seus determinantes estruturais e questões particulares à história que se desenvolve naquele momento” nos quais os fenômenos educacionais fazem parte do ‘conjunto de relações sociais’ que envolve uma multiplicidade dos momentos históricos.

Entende-se assim, que a estrutura de políticas públicas educacionais em uma determinada sociedade envolve o momento histórico, considerando as mudanças ocorridas nas relações econômicas, sociais e culturais. Nesse contexto, o marco que define a nova cultura de aprendizagem da sociedade e da informação consolida-se no ‘aprender a aprender’ que visa estabelecer um grau de autonomia intelectual, liberdade de pensamento e de expressão do indivíduo, resultante da rapidez onde se processa o conhecimento próprio da era tecnológica.

Tal mudança aponta para o fato de que na sociedade contemporânea vive-se numa dinâmica de transformações em ritmo acelerado que tornam o conhecimento cada vez mais provisório. Esse aspecto induz a compreensão de que o indivíduo que não aprender a se atualizar estará condenado à eterna defasagem de seus conhecimentos. Frigotto e Ciavatta (2006, p.55) corroboram afirmando que “as palavras ou vocábulos que usamos para nomear as coisas ou os fatos e acontecimentos não são inocentes”, pois, estes autores consideram que ao se viver uma nova fase do capitalismo não quer dizer que a sociedade capitalista tenha se alterado completamente; apenas a chamada sociedade do conhecimento é uma ideologia produzida pelo capitalismo.

Ao longo da história da humanidade, a educação foi se moldando nas relações estabelecidas entre homem, sociedade e trabalho. Atualmente, muito mais do que em épocas anteriores, a educação se transformou no instrumento fundamental em uma era de revolução tecnológica onde o conhecimento é o motor para o desenvolvimento social. Neste contexto, muito se tem discutido sobre ‘novas tendências pedagógicas’ que venham responder às demandas sociais.

Diante disso, as políticas públicas para a educação consolidadas pelas diretrizes nacionais, ditam as regras da formação do homem para o século XXI. O destaque destas questões desperta a importância do debate constante sobre o papel da educação na sociedade do conhecimento. Entende-se que essa compreensão nos indica que a atitude mais adequada a se adotar, tanto do ponto de vista da produção do conhecimento, quanto da ação político-prática é a de vigilância crítica, que busca “desvendar o sentido e o significado das palavras e dos conceitos, bem como perceber o que nomeiam ou escondem e que interesses articulam”(FRIGOTTO; CIAVATTA 2006, p. 55).

Estemomento histórico, de uma maneira geral, implica refletir a educação sobre os novos paradigmas pedagógicos que caracterizam algumas das tendências deste novo século. O desafio maior que se impõe, é a transposição do paradigma tradicional para uma nova abordagem pedagógica que atenda às novas demandas da sociedade do conhecimento. Sabe-se que a educação tem uma função de mudança no indivíduo em aptidões, valores e atitudes. Ela trabalha diretamente na formação do sujeito que não deve atender a cada modelo de organização social, mas sim, ser crítico e constitutivo de novas concepções.

Segundo Behrens (2003, p.57), “o advento da mudança de paradigma da ciência ensejou novas abordagens na educação”. O sistema educacional reclama por políticas públicas que possam enfrentar a nova fase da sociedade contemporânea nas variadas formas que ela assume na realidade brasileira. Pois, ao longo da história do Brasil, a educação redefiniu seu papel e sua organização reprodutora e inovadora dentro da estrutura social (ARANHA, 1989).

Compreender estas determinações e como elas se constroem na sociedade do conhecimento é fundamental para analisar as ‘novas tendências’ educacionais e se posicionar criticamente diante delas. A importância para este campo de conhecimento leva a um fato que tem chamado à atenção, que é a inserção do empreendedorismo educacional como uma destas tendências nas políticas públicas do sistema de ensino, no Brasil, e que tem gerado contradições e críticas.

A expansão da ação empreendedora nas várias áreas do conhecimento, incluindo a educação, traz para o debate teórico a intencionalidade de se estabelecer as relações desta teoria enquanto campo singular no meio educacional. Segundo Dolabela (2008, p.78b), “este novo olhar sobre a capacidade empreendedora transportou-a do seu berço original, a empresa -sem dela sair-, para todas as atividades humanas”. Para esta análise cumpre introduzir a compreensão dos fenômenos que estendem tal concepção para uma ação que estabeleça ponte com a prática educativa. Para isso, é necessário buscar a essência deste conceito, onde ele se sustenta como diretriz educacional, bem como refletir sobre o significado deste termo tão polêmico na educação.

2.2 Educação Empreendedora

A fim de incorporar a reflexão iniciada acima ao movimento do empreendedorismo no sistema educacional, cabe lembrar algumas questões relevantes. A primeira é que não devemos esquecer que o empreendedorismo nasceu no meio empresarial indicando perfil de indivíduos com autonomia, iniciativa, criativos e inovadores para colocar seus sonhos numa determinada área de mercado e obter sucesso. Leite (2012, p. 19) entende que um empreendedor deve perceber “novas ideias como grandes oportunidades”. A segunda questão aponta que, nas últimas décadas o termo extrapolou o conceito meramente mercadológico e ganhou novas informações quanto ao seu significado, pois, foi absorvido por outras áreas de conhecimento agregando características específicas para cada área profissional.

A terceira e última questão é que, ao se relacionar o empreendedorismo e sua aplicação na área educacional o discurso pauta-se na urgência da superação do modelo ‘tradicional cartesiano’, predominante na educação brasileira, para dar lugar a uma formação empreendedora. Essa necessidade de mudança está diretamente relacionada com a nova ordem global da pós-modernidade que obriga a convivência com o novo, com o inusitado,

forçando-a a encontrar mecanismos de conduta nesses novos contextos (GUERRA;GRAZZIOTIN, 2010).

Nota-se então, que a educação passa a estar comprometida com as inovações, com os novos arranjos que a dinâmica do mundo pós-moderno impõe (GUERRA;GRAZZIOTIN, 2010). Neste panorama nasce o que se conhece como Educação Empreendedora. No Brasil, o conceito vem sendo discutido como uma alternativa para a formação do aluno crítico e com iniciativa, ou seja, aquele que assume uma ação proativa para os desafios do mundo moderno. Esse fato tem gerado discussões e polêmicas quanto à introdução de competências e empreendedorismo na educação.

Alguns teóricos se posicionam afirmando que as nomenclaturas para a educação do século XXI apontam apenas para ‘novos conceitos’, mas que visam mesmo atender aos interesses do mercado. Nesta linha de pensamento aparecem Ciavatta (2006), Frigotto(2005), Ramos(2005).Contrariamente a este pensamento, outros teóricos como:Espejo e Previdelli (2006); Le Boterf (2003),Takahashi e Zampier (2011), Dolabela (2003) acham ser possível aplicar na educação conceitos empreendedores sem cair na armadilha de uma formação com via penas para o mercado compreendendo o novo processo de formação exigido pela sociedade do conhecimento que requer do sujeito novas posturas e valores. Trata-se de uma abordagem metodológica própria para o campo educacional que desvincula o conceito empreendedor de uma atividade específica e o relaciona como uma forma de ser (DOLABELA, 2003).

Porém transportar o conceito de empreender, da empresa para a área educacional, requer uma análise minuciosa, uma vez que a educação forma sujeitos e não visa o capital material e sim, o capital humano que se utiliza do conhecimento.Sabino (2010), em seu artigo ‘Empreendedorismo: reflexões e críticas sobre o conceito no Brasil’ critica a utilização do conceito de empreendedorismo quando aplicado, única e exclusivamente, ao mercado de trabalho, que está apoiado numa leitura individualista de mundo, impregnado pelo ranço ideológico liberal. A autora reflete sobre o conceito de empreendedorismo na educação “bem como o próprio Dolabela, que pensa atribuir um novo significado ao conceito de empreendedorismo” (SABINO, p. 13).

A grande crítica ao conceito de empreendedorismo na educação, é que ao ser supervalorizado, esta iniciativa pode provocar a ausência de discussões sobre as implicações políticas e ideológicas a respeito do descaso dos dominantes com as classes mais pobres e com os princípios éticos que os regem, desconsiderando os saberes curriculares e a experiência social dos indivíduos(SABINO, 2010).

Mas para se entender a educação empreendedora será necessário voltar ao primeiro ponto anteriormente mencionado para a compreensão da origem do empreendedorismo. Este nasceu no âmbito empresarial, levando-nos conseqüentemente a lógica de que o conceito não é novo. O economista francês Jean Batist Say, que viveu no fim do século XVIII, em seu livro Tratado de economia política já utilizava esse termo dentro de sua teoria econômica. Say é visto como o pioneiro do empreendedorismo na história da economia, ou seja, é considerado o pai do empreendedorismo(DOLABELA, 2003). “Para Say, o empreendedor era aquele que combinava diferentes valores em uma unidade produtiva” (LEITE, 2012, p.44).

A expressão empreendedorismo segundo Leite (2012, p.25) “Entrepreneurship, na língua inglesa, é derivado de emprender, termo utilizado no século XVII, na França, para denominar um indivíduo que assumia risco de criar um negócio”. O empreendedor é quem exerce a função empreendedora correndo todos os riscos, a ele inerentes. É importante destacar que, entre os economistas, quem efetivamente se dedicou em profundidade sobre as

características do empreendedor e sua importância no desenvolvimento econômico foi Joseph Schumpeter (LEITE, 2012).

A verdade é que o termo vem se aprimorando com o passar dos tempos, ganhando novos conceitos por estudiosos clássicos e contemporâneos. Isso mostra que o tema está em discussão e em contínuo aprimoramento teórico. Entre os autores contemporâneos, Leite (2012) evidencia algumas características que conceituam o empreendedor, para ele:

Ser empreendedor significa ter capacidade de iniciativa, imaginação fértil para conceber as ideias, flexibilidade para adaptá-las, criatividade para transformá-las em oportunidade de negócio, motivação para pensar conceitualmente e capacidade para perceber a mudança como oportunidade (LEITE, 2006, p. 7).

Drucker citado por Leite (2012, p.73) completa que empreendedor “é alguém que aplica o dinheiro com nova capacidade de produzir riqueza. Uma pessoa que inicia e desenvolve um negócio.” Para o mesmo autor o empreendedorismo nada mais é do que uma “disciplina, e como tal, pode ser aprendida” (LEITE, 2012, p. 73). Outro autor, o especialista canadense Louis Jacques Filion citado por Dolabela (2003), desenvolveu a teoria visionária sobre o empreendedorismo onde amplia a ação do empreendedor quando analisa e concebe que o “empreendedor imagina, desenvolve e realiza visões”.

A visão de empreendedorismo aprofundada por Dolabela (2003, p.38) diz que: “é empreendedor em qualquer área, alguém que sonha e busca transformar seu sonho em realidade”. Segundo o mesmo autor trata-se de uma pessoa que ao estar insatisfeita:

Transforma seu inconformismo em descobertas e propostas positivas para si mesmo e para os outros. É alguém que prefere seguir caminhos não percorridos, que define a partir do indefinido, acredita que seus atos podem gerar consequências. Em suma, alguém que acredita que pode alterar o mundo. É protagonista e autor de si mesmo e, principalmente, da comunidade em que vive (DOLABELA, 2003 p. 39).

Não há dúvidas quanto à importância dos estudos e o aprimoramento de conceitos incorporados ao empreendedorismo ao longo dos tempos. Cada momento histórico traz seu sentido específico principalmente nas áreas da economia e administração. No entanto, com o progresso da sociedade moderna de base científica e tecnológica a influência da cultura empreendedora ganhou espaço no processo de desenvolvimento econômico na sociedade, principalmente a partir do século XX, consolidando-se agora, no século XXI como uma estrutura teórica mais flexível, pois traz consigo uma maior abrangência de conceitos, onde sua aplicabilidade alcança então, as várias áreas de conhecimento.

Segundo Leite (2012, p.124) “No mundo cada vez mais globalizado, o empreendedorismo pode ser considerado a alavanca para o desenvolvimento econômico e social da humanidade”. No campo ideológico tem gerado conflitos e discussões quanto à função da nova ordem econômica em relação ao papel da escola. Para Ciavatta (2011) fazendo relação sobre a primeira década do século XXI e seu desenfreado desenvolvimento tecnológico:

A cultura do trabalho que contrapõe-se a uma educação plena, é a da formação profissional reduzida aos treinamentos, à pedagogia das competências, à ideologia da empregabilidade e do empreendedorismo, à educação corporativa de interesse das empresas, aos rudimentos técnicos ou às especializações tecnológicas, escoimados da compreensão das relações de trabalho e dos direitos laborais. São processos com roupagens novas, mas com base na histórica relação desigual entre as classes sociais no Brasil. (CIAVATTA, 2011, p.179)

Se há problemas com essa visão de mundo atual e tudo que dela decorre, é curioso observar o distanciamento entre os profissionais preocupados com a educação e aqueles que procuram formar empreendedores (LOPES, 2010). Discute-se muito sobre as políticas públicas de fomento ao empreendedorismo na educação brasileira, o que vem se convencendo chamar de educação empreendedora, onde para alguns estudiosos nada mais é do que uma ‘nova’ forma de articulação entre economia e educação. Sobre esse aspecto Lavieri (2010, p.11) coloca que: “Apesar de todas essas dificuldades, a educação empreendedora começa a se fortalecer e vem sendo discutida com maior seriedade ano a ano”.

Todavia, a aplicabilidade dos conceitos relacionados ao empreendedor empresarial não atende à mesma dimensão proposta na educação empreendedora. Um novo corpo de conhecimento específico lida com princípios e fundamentos para uma formação empreendedora norteada pelas diretrizes basilares, restritas ao campo do ensino, que vão além do conceito mercadológico (DOLABELA, 2008). Neste caso, é necessário desvincular a imagem do empreendedor empresário (dono de negócio) da outra imagem, a do empreendedor como forma de ser e de agir, que o faz ter sucesso independentemente de onde possa trabalhar. O foco principal não é o mercado, mas, o indivíduo, que através da “educação empreendedora dinamiza, torna disponível e utilizável um potencial presente em todo ser humano” (Dolabela, 2008b, p. 14).

No Brasil, pode-se dizer que o empreendedorismo está apenas começando. Sinaliza-se esse movimento a partir da década de 1990 com a internacionalização da economia gerada pela nova reorganização mundial. Nesse panorama de mudanças, a educação sofre implicações diretas desse novo contexto socioeconômico, consolidadas pelas reformas nas políticas educacionais que visam principalmente estarem afinadas com as características da vida da sociedade contemporânea, por isso, precisava passar por um processo de reestruturação (OLIVEIRA, 2012).

É nesse cenário político-econômico que se encontra pontos importantes quando se tem a intenção de abordar o empreendedorismo. As bases de implementação dos programas de educação empreendedora seguem às recomendações da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO para a educação do século XXI consolidadas nos quatro pilares da educação, sendo a estes, incluído, posteriormente, o quinto pilar: Aprender a Empreender. Esta inclusão revela que a UNESCO (2004) considera como requisito de extrema relevância da moderna educação a preparação para o empreendedorismo, desenvolvendo nos jovens a capacidade de inovar, de reter conhecimento, de desenvolver projetos próprios e de saber lidar com as mudanças (LOPES, 2010).

Sobre o ensino no país, Frigotto (2010) é crítico em dizer que para cada reforma apresentada, há implicações diretas no tipo de formação humanacolonizadora, alienadora e/ou emancipadora. No campo educacional estas reformas sinalizam a partir dos anos 90, ao mesmo tempo, um processo de aprofundamento da relação trabalho-educação, como também

pesquisadores da área que se preocupam com essa temática buscando no plano teórico e político uma rediscussão da função social da escola (FRIGOTTO, 2010).

No que concerne à Educação Empreendedora - EE, esta vem ganhando espaço no sistema educacional através de metodologias e abordagens teóricas que visam criar um ambiente educativo favorável às novas exigências da sociedade globalizada. Lopes (2010, p. 41), afirma: “Ainda que recente, a educação empreendedora já mostrou que não é um modismo. Tem se difundido justo porque se sintoniza com as demandas e os desafios do mundo atual [...]”.

O novo milênio apresenta novos desafios e o modelo de educação tradicional não mais se adéqua a essa nova realidade. Morin (2000) citado por Guerra e Grazziotin (2010) ressalta que “o desenvolvimento da aptidão para contextualizar e globalizar os saberes torna-se imperativo da educação”. No Entanto, Fillion (1999) referido por Lopes (2010), também destaca que a educação empreendedora é diferente do processo do ensino tradicional por se pautar mais na atividade do próprio aluno, numa forma mais experiencial, mais prática e contextualizada, e que prepara o indivíduo para lidar com as incertezas do mundo contemporâneo. Com isso, a educação empreendedora toma como princípio o saber que ultrapassa o domínio de conteúdos técnicos, científicos e instrumentais (DOLABELA, 2003).

Dessa maneira, entende-se que os métodos convencionais de ensino não se aplicam ao aprendizado empreendedor, pois este, trabalha com a incerteza e na inquietude gerada pelo próprio conhecimento. Corroborando Guerra e Grazziotin, (2010, p. 84), dizem que “A mentalidade empreendedora deve ser construída com base na dimensão subjetiva do indivíduo.”

Essa visão na formação do indivíduo deve posicioná-lo a assumir o papel de sujeito pleno, conciliando as complexas relações entre o racional e o sensível, presentes na constituição de uma subjetividade também cidadã (GUERRA; GRAZZIOTIN, 2010). Neste sentido, o empreendedor na concepção educacional é alguém que define por si mesmo o que vai fazer e em que contexto será feito, levando em conta seus sonhos, desejos, preferências e o estilo de vida que quer ter. Assim, passa a ter uma dedicação intensa já que seu trabalho se confunde com o prazer (DOLABELA, 2008).

Para o ensino empreendedor, Dolabela desenvolveu uma estratégia de sistema de aprendizado. Essa estratégia didática baseada nos requisitos da educação empreendedora originou uma metodologia educacional, a qual denominou de Pedagogia Empreendedora – PE(DOLABELA, 2003). Essa proposta de ensino traduz o desenvolvimento, a capacidade empreendedora para alunos da educação infantil até o nível médio, tendo em vista tornar-se um meio para o desenvolvimento de novas metodologias de ensino e a busca da disseminação de valores empreendedores no espaço escolar.

Lopes (2010), ao abordar a teoria pedagógica de Dolabela reforça que no ensino do empreendedorismo implica reconhecer que ele se baseia mais em fatores motivacionais e em habilidades comportamentais do que em conteúdos instrumentais. Numa visão geral a proposta recai em uma educação comprometida com o desenvolvimento humano, social, econômico e sustentável.

Nesse entendimento, em relação ao ensino do empreendedorismo para a educação básica, segundo o autor, nesta concepção, é necessário levar a promoção e o aumento da capacidade de gerar capital social e capital humano. A escola pode construir e incentivar nos alunos novas atitudes e comportamentos através do empreendedorismo, preparando-os para um futuro no qual a criatividade, a inovação e uma atitude positiva perante as dificuldades

serão a alavanca para o sucesso e a sobrevivência no mundo do trabalho (DOLABELA, 2008).

O saber empreendedor deverá incorporar ao processo de aprendizado, segundo Dolabela (2008a, p. 147), “elementos como emoção, o conceito de si, a criatividade, o não conformismo, a persistência”. Empreender para o autor é um processo essencialmente humano, por isso, atribui como uma *forma de ser e* não como uma habilidade técnica desenvolvida pelo indivíduo, por isso, se diferencia do conceito de empresa, pois vai além, considerando: a visão de mundo, o estilo de vida, o protagonismo, a capacidade de produzir mudanças em si mesmo e no ambiente ao qual se insere, bem como a promoção da auto-realização, e a postura ativa diante das incertezas (DOLABELA, 2003).

Na visão de Dolabela (2003), o empreendedorismo como *forma de ser* está relacionado à auto realização que:

Sinteticamente, eu diria que não se pode dar uma direção ao aluno para que ele seja um empreendedor empresarial, mas para que seja empreendedor em sua forma de ser. Abrir uma empresa pode ser uma opção do aluno. Porém, ele pode ser empreendedor em qualquer atividade. Ele pode ser empreendedor sendo músico, poeta, funcionário público, político, etc. Então, dentro da Pedagogia Empreendedora, a atividade empreendedora torna-se universal. A empresa passou a ser uma das múltiplas formas de ser empreendedor (DOLABELA, 2003 p.128).

Nesta perspectiva, Lopes (2010, p. 17) considera que: “No contexto da sociedade moderna e do conhecimento, percebeu-se a introdução de novos termos como empreendedor, empreendedorismo, administração e economia empreendedora”. A metodologia da Pedagogia Empreendedora leva em conta as raízes da cultura brasileira, já que o empreendedorismo é um fenômeno cultural. A constituição dessa pedagogia não é apenas ensinar, e sim, criar um “ambiente cultural” para que o sujeito possa perceber e desenvolver valores empreendedores, sua autonomia, aprendendo sobre si mesmo e sobre o outro, como também fazer uso de suas ferramentas e instrumentos.

Dolabela (2003) coloca que a metodologia da PE se posiciona de forma contrária ao ensino memorista que aprisiona, “impõe limites, preserva poderes e ainda exclui”. Ela se constitui como uma forma de libertação que não priva os jovens dos conhecimentos e dos sonhos, e sim o promove à liberdade de expressão e criação para que o indivíduo/empreendedor ouse em sonhar seu futuro para em seguida realizar, ou seja, ela se constitui como uma estratégia destinada a dotar o indivíduo de graus crescentes de liberdade para fazer sua escolha (DOLABELA, 2003).

Neste sentido, o empreendedorismo não seria apenas mais um conteúdo formal a ser estudado em sala de aula, mas:

Um estado de espírito, um modo de ser e agir, uma forma de encarar o mundo. Ser empreendedor é ser ousado, confiante; é usufruir da qualidade de aprender a romper limites, não se intimidando com os limites aparentemente impostos pela vida. (ACÚRCIO 2005, p. 13).

Seu enfoque principal está no aprendizado através dos processos de descoberta, sem respostas certas (LOPES, 2010, p.14). Sua aplicação resulta no aprimoramento da capacidade dos indivíduos, fazendo com que estes cresçam familiarizados com práticas responsabilmente sociais, promovendo a sustentabilidade econômica e social do mundo.

Novos desafios educacionais são apresentados e, segundo Filion (1999) Apud Lopes (2010, p. 76), “se persistirmos na utilização das mesmas ferramentas, continuaremos a encontrar os mesmos resultados”. Ou seja, uma formação arcaica não condiz com as novas exigências. Uma educação empreendedora requer novas possibilidades de aprendizagem articuladas com uma proposta pedagógica que vise impulsionar e fazer nascer uma mentalidade empreendedora capaz de romper as velhas estruturas.

Sobre a educação requerida neste novo contexto e considerando o que o indivíduo deve apreender ao longo da vida há entendimento pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (2004):

Aprender a organizar múltiplas fontes de informação, aprender a aprender de experiências, enfrentar a dimensão social da formação do conhecimento, aprender a autorregular o esforço de aprendizagem, aprender a esquecer e a desaprender quando seja necessário e dar espaço à aprendizagem nova, combinar – em doses adequadas– o conhecimento codificado e tácito, converter o conhecimento inerte em conhecimento ativo de forma permanente, estes são só alguns dos desafios urgentes que formam parte de nossa cultura da aprendizagem. (UNESCO/PRELAC,2004, p.37)

Nesse entendimento, significa compreender que os desafios para a educação não se esgotam apenas no espaço de sala de aula; analisar as influências teóricas para a educação deve perpassar pelo campo das ideias, e é acima de tudo trazer para o debate o que de fato permeia a intencionalidade pedagógica. Sabe-se que a palavra “empreendedor” quando aliada à educação ganha sentido amplo. No contexto educativo, projeta intenção de valores, comportamentos, atitudes, percepção de mundo e de si mesmo, e isso, está relacionado com o processo de construção educacional ao longo da vida. Pode-se dizer então, que há uma forma diferenciada de aplicabilidade no que tange a palavra empreendedorismo na educação. Assim é que a concepção do empreendedorismo educacional abre as portas para se falar em educação empreendedora para crianças e jovens (DOLABELA, 2003).

Por fim, no que tange ao plano organizacional/político, a educação empreendedora está presente na educação como uma realidade posta, e é inevitável não considerar tal realidade, pois sua base teórica relaciona-se à visão de mundo caracterizada e requerida pela sociedade do conhecimento e da inovação. O novo século exige mais do que imitação, espera enriquecimento intelectual e a educação empreendedora vem se apresentando no âmbito escolar como uma possível resposta às novas necessidades educacionais.

2.3 Formação Empreendedora

As questões apresentadas sobre a educação empreendedora no texto acima, consistirá como referência para se fazer a abordagem sobre o que vem caracterizar uma formação empreendedora e quais os aspectos de aprendizagem que embasam tal formação. Partindo de uma reflexão sobre a preparação para a vida em sociedade, a escola se apresenta como a principal responsável para esse feito. A educação é um fato social; tanto os indivíduos como a sociedade são vistos num contexto dinâmico. (FREITAG, 1980).

Pensar na educação no século que se inicia é entender que se vive com a rapidez dos processos de mudanças sociais, e a escola deve estar envolvida na educação para o desenvolvimento humano, pois, lida com a formação do cidadão e precisa prepará-lo para lidar também com as mudanças, continuidades e rupturas da sociedade. Para Moraes (2012, p. 206) “A compreensão desses aspectos tem implicações profundas na área educacional, pois o indivíduo compreende a educação como mediadora de um novo diálogo do homem consigo mesmo, com a sociedade [...]”

Nesse aspecto, observa-se que a sociedade brasileira inserida nestes processos de mudanças torna-se cada vez mais complexa, plural, dinâmica e repleta de diversidades e diferenças (ABÁDIA, 2012). A década de 90 marcada pela ideia de globalização indica que se vive uma nova fase organizacional. Para uma nova sociedade, uma nova educação. Moraes (2012, p. 84) ao analisar essa nova fase educacional afirma que: “Embora estejamos numa nova etapa de desenvolvimento científico, intelectual, político e social, continuamos a oferecer uma educação dissociada da vida, desconectada da realidade do indivíduo, descontextualizada”.

Nesta perspectiva, as funções repetitivas, mecânicas e sem iniciativa não mais se sustentam em uma sociedade onde o conhecimento é a chave para o desenvolvimento baseado na tecnologia e na informação. A educação neste contexto deve formar para que o indivíduo possa desenvolver uma gama de habilidades, bem como comportamentos e atitudes que gerem um determinado grau de autonomia.

Sobre essa realidade, o modelo atual das políticas educacionais aplicadas no sistema de ensino tem sido criticado, por alguns educadores, por valorizarem uma formação que atenda ao mercado globalizado, a teoria do capital humano, a formação por competência empreendedora e de empregabilidade. Entre esses educadores destaca-se Gaudêncio Frigotto, que ao refletir sobre os desafios da educação na formação do cidadão do século XXI diz que: “A educação, de direito social e subjetivo, passa a ser vista como serviço, e seu ideário é o pensamento dos aparelhos de hegemonia do capital” (FRIGOTTO, 2006, p. 49). Ainda segundo o autor não se deve admitir em tais políticas educacionais que considere uma formação rápida, desconectada da pesquisa e sem embasamentos de conhecimentos científicos e histórico-sociais. (FRIGOTTO, 2006)

De acordo com Moraes (2012) analisando os pontos críticos do contexto:

Atualmente, discute-se a necessidade de se reverter os velhos conceitos de “produtividade” e “lucro” partindo de uma compreensão mais ampla da realidade, em que a riqueza e conhecimento deverão significar um pouco mais do que acúmulo de bens materiais, devendo incluir também, o sentido mais amplo de realização, de esforço mútuo para enriquecimento mútuo, além de desenvolvimento humano. (MORAES, 2012, p. 48).

Entre divergências e debates, sobre a educação no Brasil para além de uma pedagogia transmissiva e fragmentada, é certo que, uma nova tendência pedagógica para o século XXI deve ser repensada, pois, reconhecer a identificação de novos cenários é necessariamente entender mudanças no campo educacional. Sobre esse aspecto Moraes (2012, p. 55) diz que serão necessários “novos debates, novas ideias, novas articulações, novas buscas e novas reconstruções, com base em novos fundamentos.” Nesta linha de raciocínio uma das bases conceituais que vem ganhando espaço nos últimos anos e intensificando-se principalmente no final da década de 1990 para responder ao novo padrão de formação está o ensino de empreendedorismo.

Discutem-se hoje as políticas educacionais de fomento ao ensino empreendedor. Sobre a educação e/ou formação empreendedora pode-se dizer que existem profissionais, educadores e pesquisadores envolvidos no processo de aprofundamento e resultados da EE para a educação (LOPES, 2010). Numa era onde os recursos estratégicos são a informação, o conhecimento e a criatividade, a cultura empreendedora se apresenta como um dos vieses de formação, podendo contribuir na educação para o desenvolvimento humano, social e econômico, sendo desta forma, possível ser trabalhada pela escola.

Neste caso, a importância de se desenvolver métodos e técnicas pedagógicas para responder às novas necessidades educativas cria um ambiente favorável para a EE, como inserção de uma 'nova tendência pedagógica', ou seja, ensino do empreendedorismo. Lopes e Teixeira (2010) ao se referirem sobre a PE desenvolvida por Dolabela mencionam que o autor constituiu sua proposta pedagógica com base na Teoria Empreendedora dos Sonhos, que deve promover o desenvolvimento do potencial empreendedor, assim:

O principal objetivo dessa pedagogia é estimulação dos sonhos dos alunos e a preparação das ações que permitem realizá-los. Desse modo, desperta-se o espírito empreendedor, e os estudantes são reforçados a desenvolvê-lo. (LOPES; TEIXEIRA, 2010, p. 62)

A estratégia didática proposta por Dolabela está focada no aprendizado sem respostas certas, o que propicia uma aprendizagem centrada em pensar de forma independente e proativa (DOLABELA; FILION, 2013).

Segundo Dolabela:

Trata-se do olhar para o ensino do empreendedorismo através das lentes da auto-identidade, da democracia, da cooperação e da aprendizagem, elementos considerados como pilares na construção do autodesenvolvimento. (DOLABELA, 2013, p. 134).

O protagonismo no ensino empreendedor dá oportunidade para que os jovens alunos se envolvam em problemas e situações reais de aprendizagem. A esse respeito Lopes e Teixeira (2010) sinalizam que o protagonismo:

Implica envolver-se de forma construtiva e com a vida, escola, comunidade e sociedade, através de participação autêntica e autônoma, com desenvolvimento da autoconfiança e autodeterminação, em um período em que a identidade do aluno ainda está sendo formada. (LOPES; TEIXEIRA, 2010, p. 54)

Nesse sentido, tornou-se desejável o desenvolvimento das aspirações educacionais para uma formação que atenda às novas exigências do mundo contemporâneo requerendo características como autonomia e a criatividade, importantes tanto para a empregabilidade como para a formação subjetiva. O momento atual requer uma nova forma de pensar, assim, educar neste contexto não consiste apenas em ensinar e memorizar conteúdos, pois, quando se fala em educação, projeta-se esta atividade sobre várias formas de apropriação de conhecimentos.

Na área educacional a definição de um ensino memorista centra-se na proposta tradicional de educação, ainda muito presente no ensino brasileiro. A esse respeito Moraes diz que:

Continuamos limitando nossas crianças ao espaço reduzido de suas carteiras, imobilizadas em seus movimentos, silenciadas em suas falas, impedidas de pensar. Reduzidas em sua criatividade, em suas possibilidades de expressão, os alunos encontram-se também limitados em sua sociabilidade, presas à sua mente racional, impossibilitadas de experimentar novos vãos e de conquistar novos espaços. (MORAES, 2010, p. 54)

Contrapondo-se ao ensino tradicional a concepção da formação dentro do ensino empreendedor apresenta-se como caráter revolucionário ao propor o rompimento com esse tipo de educação que valoriza conteúdos científicos, técnicos e de verdades definitivas ensinadas apenas na transmissão do conhecimento. Na proposta da PE toma-se a escola como um lócus de aprendizado da capacidade de construção de futuro (DALABELA, 2003).

Desta forma, ao se analisara proposta metodológica da Pedagogia Empreendedora para a formação do sujeito, considera-se que esta deve necessariamente gerar novos conhecimentos que, segundo Dolabela, se constitui a partir de uma dada plataforma, organizada por “saberes” acumulados na história da vida do indivíduo. Esta ordenação de saberes está assegurada nos direcionamentos dos quatro pilares da educação para o Século XXI, definidos pela UNESCO em 1998, sob a coordenação de Jacques Delors (DOLABELA, 2003).

Portanto, entender o ser humano na perspectiva da PE é perceber em sua formação a capacidade que ele tem em criar novos conhecimentos a partir de um conjunto de saberes que ao longo do tempo vão se aprimorando, construindo e se reconstruindo. A consciência dos erros e acertos, bem como a capacidade de mudar o mundo são características essenciais que o empreendedor tem em um processo de construção do futuro (DOLABELA 2003).

É nesse aspecto que os pilares da educação apontam para uma necessidade educacional que venha responder a uma nova formação pautada nas características que a sociedade do conhecimento necessita, pois, esta sociedade requer um homem dinâmico e preparado para os desafios de uma sociedade globalizada. Um indivíduo empreendedor, alguém que ultrapasse as dimensões do saber e que desenvolva habilidades e competências mais condizentes com a era tecnológica e da informação,

No estudo de Gomes (2012) sobre o que se espera que os estudantes alcancem nos seus ciclos escolares, nos seus futuros trabalhos e em outros aspectos da vida, apontou competências que foram divididas em três grandes domínios, são eles: cognitivo, intrapessoal e interpessoal. Esses domínios, conforme ilustra a Figura 1, não são estanques e se correlacionam entre si havendo em alguns momentos habilidades que podem estar em mais de um domínio. Esses resultados mostram o quanto o debate sobre competências e habilidades para a formação educacional estão longe de se esgotar. Assim como as novas abordagens teóricas que surgem na tentativa de dar respostas para o sistema educacional, entre elas a própria educação empreendedora.



Figura 1 – Divisão das competências por domínios.

Fonte: Gomes (2012).

Analisando as características de domínios acima expostas, um dos grandes desafios da sociedade globalizada é ter um sistema educacional que promova e viabilize não apenas a formação de indivíduos preparados para essa realidade atual, mais consciente de seu papel social e político com níveis de aprendizado compatíveis com a necessidade social existente. Corroborando nesse pensamento Ciavatta (2005) afirma que:

Como formação humana, o que se busca é garantir ao adolescente e ao adulto trabalhador o direito a uma formação completa para a leitura de mundo e para atuação como cidadão pertencente a um país, integrado dignamente à sua sociedade política. (CIAVATTA, 2005, p.2)

Portanto, ao se refletir sobre os novos domínios de formação que devem ser desenvolvidos pela escola, esta deve oferecer através da educação instrumentos e condições que ajudem o aluno a alcançar tais habilidades com conhecimento e senso crítico.

Para Dolabela (2003, p.66) “É importante que toda escola e toda estratégia pedagógica ofereçam os meios para que o educando possa ter acesso ao mundo e conversar com o mundo”. Por isso, segundo o autor, a formação do sujeito definida na PEapresenta-se constituída como uma *forma de ser*, podendo o aluno decidir sobre seu futuro, pois, este define o que quer ser independente do campoprofissional, logo, os empreendedores se manifestam em todas as atividades humanas. Ao relacionar a educação empreendedora neste contexto coloca que “o tema central do empreendedorismo no Brasil deve ser a construção do desenvolvimento humano e social, includente e sustentável.” (DOLABELA, 2003, p. 17)

Ao atribuir este significado para o ensino do empreendedorismo, entende-se que acontece uma quebra de paradigmas na tradição didática para a formação do sujeito, principalmente quando ao abordar o saber como consequência dos atributos do ser, projeta nas ações didáticas e pedagógicas direcionamentos que propiciem uma formação que desenvolva o potencial criativo dos alunos. Isso significa que, na sala de aula deve ocorrer a construção do conhecimento tendo elementos como: atitude, comportamento, criatividade, emoção, sonho, identidade e características pessoais que ganham vaga antes ocupada apenas

pelo saber pautado na instrução do conhecimento próprio da educação tradicional que coloca o aluno numa visão fragmentada, separando o homem do mundo.

Por esta razão é que para uma formação empreendedora são demandadas estratégias educacionais diferenciadas, pois, significa um processo cognitivo de construção quanto às relações do indivíduo com o outro e o mundo. Sobre a própria metodologia da PE, desenvolvida por Dolabela, esta atende um ciclo de aprendizagem para a formação do educando, sendo as estratégias metodológicas realizadas da seguinte forma:

Primeiro, o indivíduo desenvolve um sonho – um projeto futuro que deseje implementar ou algo que deseje alcançar ou se tornar. Depois deve procurar formas de concretizar esse sonho, e para isso de identificar e aprender o que seja necessário para que possa realizá-lo (LOPES, 2010, p.49).

Para o conceito de sonho, Dolabela (2003) denomina de *sonho estruturante*, que é um sonho que alguém sonha sobre seu próprio futuro, pois, pode dar origem e organização a um projeto de vida, articulando desejos e visão de mundo.

Por este motivo, a Pedagogia Empreendedora, especificamente, apresenta um plano de aprendizagem com dois objetivos que estão na base de sua abordagem: a formulação de sonhos e a implementação dos mesmos. Desta maneira, investe nas ideias e nos sonhos de jovens, sendo uma estratégia destinada a dotar o indivíduo de graus crescentes de liberdade para fazer sua escolha no decorrer de sua construção de vida (DOLABELA, 2003). Por essa razão, a base da formação da PE está em trabalhar com os educandos no sentido de prepará-los para os desafios reais na comunidade em que vivem e promover o crescimento pessoal e social, bem como torná-los aptos para o mundo do trabalho.

Neste sentido, ela traz em sua base conceitual a intencionalidade da geração de renda, de melhoria na qualidade de vida de uma coletividade e não apenas o foco no indivíduo ou no fator meramente econômico. Essa teoria pedagógica trabalha na concretude dos sonhos em planos de ação, lapida as habilidades e competências que preparam o indivíduo para enfrentar o mundo do trabalho e constrói seu projeto de vida (DOLABELA, 2003).

Para o fechamento deste item cabe uma reflexão sobre o porquê de uma formação empreendedora. O trabalho pedagógico e as atividades educativas estão sendo (re)pensadas, as relações entre o processo de produção de conhecimento e a educação são evidentes e o ensino empreendedor é apenas um dos elementos que tenta redefinir uma proposta que esteja mais próxima do processo de reconstrução do papel da escola para nova a sociedade. Sacristán (2000) traz um alerta, evidenciando que o currículo não é neutro e espelha um jogo de interesse de uma sociedade em conflito e marcada pela divisão de classes, e de certa forma, o currículo se constitui em uma relação dialética entre escola e sociedade. Então, o tipo de formação requisitada para a sociedade do conhecimento estará nesse embate ligado diretamente ao momento de mudança e que alcança também os sistemas educativos, e por consequência, atinge diretamente a formação do novo perfil do cidadão. Ciavatta (2011) corrobora dizendo que as reformas educacionais foram um processo no qual as escolas tiveram que se inserir sendo suas identidades afrontadas por um projeto construído não por elas próprias, mas por sujeitos externos.

Assim, cabe ao sistema educativo e aos educadores que o compõem elucidarem conceitos fundamentais que permeiam tal questão, pois, como foi apresentada, a formação empreendedora faz parte das reformas educacionais como um dos elementos a serem observados para compor a formação do sujeito e lidar com as questões dos novos tempos.

Desta forma, é necessário a escola assumir-se como lugar de memória de construção coletiva e política para desvendar as intencionalidades das diretrizes educacionais consubstanciadas sobre a égide de um novo projeto de sociedade.

2.4 Competências Empreendedoras

O embasamento teórico e conceitual desenvolvido nos itens expostos acima, trazem informações e elementos que vão consubstanciar e elucidar o que vem a ser competência empreendedora. Trazer à tona novamente a referência, que nos tempos atuais, demanda uma nova formação, já nos remete ao primeiro aspecto que deve ser considerado, pois alerta sobre o que se espera da escola na preparação do cidadão. Nesta perspectiva, Moretto (2015) questiona se a escola desenvolve a construção interativa do conhecimento, em busca do desenvolvimento de competências, pois, no novo paradigma de educação a escola deve preparar o cidadão para um novo tempo. Então, ensinar por competência está na proposta dessa nova formatação de educação que se constitui pela capacidade do sujeito mobilizar recursos visando abordar e resolver situações complexas (MORETTO, 2015).

Nesse entendimento, percebe-se então que existe uma interligação desse conceito com a competência empreendedora e com os processos de aprendizagem empreendedora. A Educação Empreendedora – EE aponta a necessidade de desenvolver nos educandos a capacidade intelectual para investigar e solucionar situações problemas e/ou complexas com iniciativa, orientação inovadora e responsável para a tomada de decisão. Dessa forma, produz novos saberes aplicados a novos contextos, que de certa forma, traduzem competências cada vez mais requeridas na sociedade do conhecimento (DOLABELA, 2003). É fácil perceber então, que o conceito de competência empreendedora encontra terreno fértil nas diretrizes postas para a educação do século XXI.

É preciso perceber, neste aspecto, que a escola como espaço histórico de aprendizagem dos saberes socialmente construídos, sofre graves abalos devido à perda de ser lócus de poder, o que leva de uma maneira geral, à necessidade de uma reorganização educacional, sob o risco de tornar-se obsoleta perdendo seu espaço central de formação na vida de seus jovens. (MILL, 2013)

Sabe-se que o mundo do trabalho, constantemente, exige uma formação que capacite os indivíduos a lidarem com novas tecnologias e linguagens, com novas relações entre o conhecimento e o trabalho, a protagonizar o presente e o futuro, despertar a criatividade e a inovação. No entanto, deve-se garantir nessa construção uma consciência do sujeito para promover uma sociedade melhor a partir de posturas éticas e de ação coletiva.

O novo complexo cultural apresenta como função a geração de novos conhecimentos, próprios do progresso tecnológico e científico e, portanto, novas competências devem ser apreendidas. Assim, a escola se torna o espaço privilegiado para promover o domínio das novas competências que devem ser alcançadas mediante uma educação de qualidade. Moretto (2015) afirma que uma das principais críticas à escola é o foco no ensino que se consolida apenas na transmissão dos conhecimentos. À medida que esses conhecimentos são trabalhados pela escola é importante que seja de forma contextualizada para oferecerem aos alunos condições de participação na vida em sociedade. Nessa perspectiva:

Cada vez mais tecnológica e globalizada, a sociedade atravessou os portais deste novo século XXI e nos convida à resolução de grandes problemas em virtude das contínuas transformações em todas as áreas do conhecimento. Exige-nos ainda constantes atualizações, seja no mundo do trabalho ou da escola, seja no ritmo e nas atribuições que enfrentamos no cotidiano de nossas vidas (TORRES, 2007 p. 31).

Esse tem sido um dos grandes desafios da educação na virada do século, devendo incorporar novos valores ao processo de ensino-aprendizagem e conseqüentemente na formação do cidadão. É nesse sentido que se analisa qual o valor que pode ser acrescentado na formação do cidadão, sobre este novo contexto, em que a sociedade, fundamentada na informação, pede mais do que nunca, conhecimentos e competências que levem ao desenvolvimento de capacidades e atitudes para aprender ao longo da vida em situações cada vez mais mutantes, novas e incertas (GOMEZ, 2011). Para Moretto (2015) pensar nesta perspectiva é propor um modelo de construção interativa do conhecimento, buscando o desenvolvimento de competências do educando, ou seja, é posto um novo sentido tanto no processo de aprendizagem quanto para o ensino, Neste caso, coloca-se o foco nos atores sociais que participam do processo de construção do conhecimento, aluno e professor.

É evidente, que a formação do cidadão na sociedade do conhecimento e da informação requer métodos e estratégias que promovam de forma contínua a pesquisa e a ação, a prática e a reflexão. Significa dizer que ao mesmo tempo em que se passou a exigir uma nova formação mais abrangente e sintonizada com as novas tecnologias de comunicação e de informação, exigiu-se, também, novas competências de formação. Para Gomez (2011, p. 87) o desenvolvimento do conhecimento “requer ampliar o olhar do aprendiz para discernir os aspectos plurais e mutantes das situações problemáticas”. Nesse entendimento, pode-se considerar que a formação do indivíduo não pode estar embasada apenas na aquisição de informações, nem tão pouco, na formação apenas de habilidades específicas que reduzem o conhecimento para o saber fazer.

Segundo Silva e Lunardi (2006), essas mudanças têm implicações sociais, cujo alcance deve ser permanentemente avaliado, para isso, deve-se:

Discutir como novas tecnologias de comunicação e de informação têm transformado as nossas vidas e o nosso trabalho, nos exigindo o desenvolvimento de competências que, anteriormente, não eram tão necessárias para nossa inclusão não só no mercado de trabalho, mas, principalmente, nos demais contextos de interação social. (SILVA; LUNARDI, 2006 p. 62).

Portanto, esse contexto social influencia inegavelmente a educação que precisa manter-se atualizada com os novos processos de formação. Entre esses, está o de potencializar o aprendizado e o desenvolvimento de competências consubstanciadas sobre novas metodologias de ensino e o uso de novos instrumentos facilitadores nos processos de aprendizagem (MORETTO, 2015). Entre essas novas metodologias, o ensino empreendedor vem ganhando ênfase e se apresenta como uma das alternativas para uma nova forma de se consolidar o processo educativo através do desenvolvimento de competências empreendedoras.

É nesse contexto, que nos anos 90 as reformas para as políticas educacionais notadamente trazem a necessidade de responder às novas estruturas sociais, e por

consequência para uma educação que acompanhe a evolução da sociedade do conhecimento. Neste âmbito, a própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Nº 9394/96 – LDBEN conduz as bases da educação brasileira como parte integrante de políticas educativas estrategicamente planejadas para o ajustamento às demandas da nova ordem mundial (SAVIANE, 1998).

Nesta perspectiva, a função social da educação deve ser analisada, pois o estágio atual tem levado a questionamentos quanto à dominação ideológica contida nas políticas educacionais para uma formação que atenda por competências. Diante dessas questões, Mill (2013, p. 12) aponta que é necessário perguntar: “Atualmente, quem é o ‘novo’ ser humano a ser formado?” Dito de outra forma: qual a função social da educação na contemporaneidade?

A respeito dessas novas demandas de estrutura organizacional é que o conceito de competência, bem como de competência empreendedora ganha espaço no currículo escolar, fundamentado em um discurso baseado no contexto das mudanças tecnológicas e organizacionais, que configuram o novo paradigma produtivo que se dá, em função da aceleração das inovações em curto prazo e das relações de saber, que se tornam cada vez mais efêmeras transformando-se em uma relação de saber contínuo (SILVA; LUNARDY, 2006). Ainda segundo as autoras, esse fator delinea as perspectivas de um currículo escolar centrado em uma formação contextualizada que considere conhecimentos, atitudes e comportamentos que devem estar relacionados à iniciativa, à atividade cognitiva, à capacidade de raciocínio lógico e ao potencial de criação.

Nessa compreensão, fica claro que na atualidade são demandadas para a educação, competências-chave ao cidadão do século XXI. Considerando tais questões, Silva e Lunardi (2006) abordam que as exigências implícitas em toda gama de atitudes e comportamentos baseados na mobilização por competências, coloca a educação submetida ao interesse do capital, por difundir valores exercendo um papel ideológico para os interesses do mercado, desvirtuando sua função social.

Por outro lado, sendo a escola, marco da sistematização histórica dos saberes acumulados, deve abstrair, entender e desmistificar o ensino por competências para uma concepção crítica, e assim, promover valores educacionais nos quais o trabalho deve ser entendido como manifestação da vida, e colocar o sujeito em primeiro lugar. Nesse entendimento:

O que está em questão, portanto, é a formação que ajude o aluno a transformar-se como sujeito pensante, de modo que aprenda a utilizar seu potencial de pensamento por meios cognitivos de construção e reconstrução de conceitos habilidades, atitudes e valores (LIBÂNEO, 2010, p.31)

Desta forma, o enfoque muda para a formação integral do indivíduo, suas estruturas mentais e para a busca de novas formas de conceber criticamente o conhecimento. Essa concepção deve ser garantida no desenvolvimento das políticas públicas educacionais no Brasil, com vistas à formação humana no contexto da sociedade da informação.

Entende-se que nesse processo de mudanças o sistema educacional requer uma profunda revisão na maneira de ensinar e aprender. É necessário compreender que as profissões ganharam novos rumos e a vida em sociedade atingiu novas perspectivas de formação, possibilitando à mesma evoluir cada vez mais. Essa mudança reflete também para as novas competências. Para Gomez (2011), o processo de aprendizagem considera entender o sujeito com todo seu conhecimento, valores, atitudes, hábitos e sentimentos, por isso, não

parece sem sentido que o ensino e o currículo possam estar organizados para facilitar e estimular a aprendizagem de competências, sendo observados tais aspectos.

Nesse cenário a educação cumpre papel fundamental. A esse respeito, Sacristán (2011, p. 87) corrobora dizendo que “a escola deve procurar desenvolver em todos os estudantes, aquelas competências imprescindíveis que todos os indivíduos necessitam para enfrentar as exigências dos diferentes contextos de sua vida como cidadãos”. Para isso, é necessário a escola repensar suas propostas curriculares e verificar a forma como discute e desenvolve o conhecimento.

No contexto educacional, vale ressaltar como o conceito de competência se constitui nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio. Sua consolidação vem por meio do Parecer CNE/CEB Nº. 11/12, onde define:

[...] Neste contexto do mundo do trabalho, as expressões competência e autonomia intelectual, utilizadas de forma associada, devem ser entendidas como a capacidade de identificar problemas e desafios, visualizando possíveis soluções e tomando as decisões devidas no tempo adequado, com base em seus conhecimentos científicos e tecnológicos e alicerçado em sua prática profissional e nos valores da cultura do trabalho (BRASIL, 2012a, p.38).

Portanto, o desenvolvimento de novas competências, permeiam direcionamentos que levam o sujeito a desenvolver atualizações constantes, sejam pessoais e/ou profissionais, por meio da aquisição de novas atitudes, inovações, habilidades e conhecimentos. É nesse contexto, que a competência empreendedora se define, mostrando em sua proposta pedagógica a viabilidade para desenvolver tal perfil. Diante disso, a Kuller e Rodrigo (2013, p.65) reforçam o conceito acrescentando que “o desenvolvimento de competências dá na prática, em situações complexas envolvendo problemas que exigem mobilizações e a busca de saberes para sua resolução”.

Essa nova lógica de organização educacional possibilitou propostas específicas da ação empreendedora voltada para a área da educação, apresentando-se como um dos temas central do século XXI, estabelecendo-se de forma fundamental para o desenvolvimento de habilidades de aprendizagem e de inovação, habilidade de informação, meios de comunicação e tecnologia e habilidade para a vida e a carreira (LOPES, 2010).

Assim, a necessidade de um novo perfil de cidadão que deve constituir a sociedade atual, embasada na inovação tecnológica e no conhecimento, compõe-se por novas competências como já discutidas. Nesse sentido, perceber a competência empreendedora como um vetor possível no processo educacional é entender a composição estabelecida por esse novo pilar educacional acrescentando os quatro pilares já contidos no Relatório de Delors (1998) proposto pela UNESCO para a educação do século XXI: o Aprender a Empreender. A respeito desse pilar, Lopes e Teixeira (2010, p.53) afirmam que é: [...] outro requisito da moderna educação – que prepara para o empreendedorismo, desenvolvendo a capacidade de inovar, de reter conhecimento, de desenvolver projetos próprios e de lidar com as mudanças”.

Para essa abordagem, a proposta educacional do ensino empreendedor descreve uma forma diferente de desenvolver e praticar a educação. A dinâmica empreendedora sob a responsabilidade do sistema educacional deve desenvolver nos alunos competências relacionais capazes de, dialeticamente, ‘refazer’ a realidade (DOLABELA, 2003). A esse respeito o sentido de competências empreendedoras tratadas por Dolabela conduz a uma

compreensão de busca do aluno para uma maior autonomia e responsabilidade diante da realidade à qual está inserido.

Contribuindo no assunto sobre as competências na EE, Lopes e Teixeira (2010, p. 48) indicam que: “a educação fundamental para o empreendedorismo deva focar mais no desenvolvimento de qualidades e competências pessoais e também conscientizar os alunos sobre as opções de carreira de auto-emprego e/ou empreendedora.”

Tomando como base as duas visões dos autores acima, ao conduzirem finalidades educacionais fundamentadas em competências empreendedoras, percebe-se que assinalam para uma visão de que a escola, como espaço educativo, deve promover uma educação que proporcione ao aluno uma formação voltada para a emancipação intelectual com responsabilidade social, ou seja, que interprete as condições sociais em que vive, reflita sobre elas estabelecendo com criticidade e autonomia, as suas próprias ações e pensamentos. Neste caso, os métodos de ensino da escola atual não respondem à nova realidade social, pois é assentada tradicionalmente na transmissão do conhecimento, no controle de comportamentos dos sujeitos e induz à passividade diante da vida.

Por sua vez, as competências empreendedoras requerem estratégias educacionais próprias. Por isso, Dolabela (2003), diz que a escola precisa ser repensada deixando de ser meramente uma agência transmissora de informação e, a partir de então, desenvolver no indivíduo, características como:

Criatividade e capacidade de aplicá-la; buscando e controlando recursos para seus fins; crença do indivíduo em que suas ações podem causar mudanças; confiança em sua habilidade; perseverança e paixão para fazer de forma melhor e mais rápida; ousadia para assumir riscos, romper os limites do *status quo*; habilidade para estabelecer relações e cooperar; capacidade de identificar oportunidades. Antes de tudo capacidade de se emocionar. (DOLABELA, 2003 p.26)

É bom lembrar que a condição do aluno está relacionada à sua experiência escolar. Dessa forma, o ambiente escolar se constitui também como um dos espaços de construção identitária da cultura juvenil. Neste sentido, Libâneo (2010) ao analisar esses novos espaços de renovação do conceito de educação menciona que esta deve assegurar ao aluno uma formação cultural e científica para a vida pessoal, profissional e cidadã. Portanto, a escola deve possibilitar ao aluno:

Uma relação autônoma, crítica e construtiva com a cultura em suas várias manifestações: a cultura provida pela ciência, pela técnica, pela estética pela ética, bem como pela cultura paralela (meios de comunicação de massa) e pela cultura cotidiana. E para que? Para formar cidadãos participantes em todas as instâncias da vida social contemporânea, o que implica articular os objetivos convencionais da escola – transmissão – assimilação ativa dos conteúdos escolares, desenvolvimento do pensamento autônomo, crítico e criativo, formação de qualidades morais, atitudes, convicções – às exigências postas pela sociedade comunicacional, informática e globalizada: maior competência reflexiva, interação crítica com as mídias e multimídias, conjugação da escola com outros universos culturais, conhecimento e uso da informática, formação continuada (aprender a aprender), capacidade de diálogo e comunicação com os outros, reconhecimento das diferenças, solidariedade, qualidade de vida, preservação ambiental. Trata-se de

conceber a escola como um espaço de integração e síntese (LIBÂNEO, 2010, p. 10)

Este é o desafio que se põe à educação escolar neste século. Uma proposta educacional que possa colaborar para restabelecer o equilíbrio necessário entre a formação tecnológica e a integral do indivíduo, ou seja, formação humana centrada na pessoa, que compreenda a importância do pensar crítico e criativo, que seja capaz de integrar as colaborações da inteligência humana e a da máquina, lembrando que só o ser humano é capaz de transcender e criar (MORAES, 2012).

Para Dolabela(2003), construir uma formação com base na Pedagogia Empreendedora constitui uma das vias, para o desenvolvimento de competências, que promove a realização do indivíduo por meio de atitudes de inquietação e ousadia em busca de um crescimento pessoal e coletivo, que se dá através do desenvolvimento da capacidade intelectual para investigar e solucionar problemas, tomar decisões, ter iniciativa, autonomia e orientação inovadora. Tais competências são, cada vez mais, exigidas na formação profissional e valorizadas no mundo do trabalho.

Enfim, a proposta pedagógica apresentada nessa ‘nova pedagogia’ compreende que empreender nada mais é que aprender a buscar oportunidades de aprendizagens de vida que devem convergir na construção da auto-realização, da capacidade de cooperar, de despertar para a criatividade e inovação produtiva. Neste caso, implica diretamente desenvolver competências empreendedoras para responder a uma nova realidade educacional e social.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia fundamenta-se no paradigma qualitativo para fazer uma discussão que envolve o diálogo da educação empreendedora e educação do campo no ensino profissionalizante. Segundo Denzin (1997) a investigação qualitativa tem um processo de construção na relação multimetódica, pois inclui uma perspectiva interpretativa, além das dimensões construtivistas e naturalistas, face ao seu objeto de estudo. Tal aspecto qualitativo envolve o “sujeito interpretativo” no contexto investigado (DENZIN; LINCOLN, 2000, p. 188).

O paradigma qualitativo entende que os sujeitos investigam a realidade no seu contexto natural. Por esse motivo os próprios alunos da escola se tornaram fonte de pesquisa para a coleta de dados, o que significou ir além de aplicar questionários individuais, ou seja, analisa-se o próprio comportamento dos educandos no convívio escolar. Procurou-se dar sentido e interpretar os fenômenos de acordo com os significados que têm para as pessoas que dela participam. Segundo Imbernón (2002, p. 14) na “pesquisa qualitativa, os sujeitos envolvidos na investigação participam não como objeto de estudo, mas como sujeito intérprete dos fenômenos educativos”.

3.1 Estudo de Caso na Investigação

O estudo de caso foi realizado dentro de uma Instituição Educacional, Escola Família Agrícola no Amapá – EFAP. A instituição está localizada em uma comunidade rural no Estado do Amapá chamada: São Joaquim do Pacuí, onde se chega pela rodovia estadual Macapá –Cutias, na altura do KM 123. A escola foi inaugurada no dia 04 de abril de 1989 e trabalha com o Curso Técnico em Agropecuária. O período de investigação se estendeu por seis meses letivos consecutivos, com a mesma turma de alunos.

Segundo Yin (1998) pode-se utilizar o estudo de caso em muitas situações, para contribuir com um conhecimento que envolva tanto os “fenômenos individuais, organizacionais, sociais, políticos e de grupo, além de outros fenômenos relacionados”. Nesta pesquisa, o estudo de caso evidencia a educação empreendedora no processo de aprendizagem dos alunos e uma instituição educacional. Escolheu-se o estudo de caso pela sua capacidade de lidar com a “amplitude de fontes” provenientes de recursos disponíveis tais como: documentações, artefatos, entrevistas e de observações (YIN, 1998).

Esse estudo de caso segue a definição de Yin (1998, p. 32), que consiste na “investigação empírica de um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real”, baseado em várias fontes de evidências e em princípios éticos que o norteiam na fundamentação teórica de análise. Utilizaram-se as fontes em quatro fases da pesquisa, para compreender como a educação empreendedora contribui para a formação humana dos alunos, do curso técnico de nível médio em agropecuária, na forma concomitante, para além do desenvolvimento profissional e mercadológico.

3.2 Procedimentos da Pesquisa

A pesquisa se constitui numa linha de trabalho que visa identificar e analisar as contribuições do princípio da pedagogia empreendedora na formação dos alunos do curso técnico de nível médio em agropecuária, na forma integrada da Escola Família Agrícola.

Nesse contexto, a investigação analisa na proposta pedagógica desenvolvida pela escola, as metodologias de ensino que embasam as práticas educativas, a utilização dos conceitos empreendedores e, conseqüentemente, identifica como a concepção teórico-prática da pedagogia empreendedora contribui no desenvolvimento de competências profissionais e pessoais dos estudantes do curso técnico de agropecuária, bem como articula experiências e estudos direcionados para o mundo do trabalho, para o desenvolvimento social economicamente justo e ecologicamente sustentável das comunidades rurais.

3.3 Caracterização das Fases da Pesquisa

3.3.1 Características e análise documental da escola família agrícola

Analisou-se documentos que orientam a ação educacional da instituição de ensino que se tornou fonte primordial de dados para embasamento científico da investigação. Os estudos com base em documentos fornecidos pela Escola Família Agrícola do Pacuí – EFAP possibilitaram o acesso às informações que ajudaram para a análise dos dados e num estudo exploratório investigativo da realidade pedagógica proposta pela escola em seus documentos basilares.

A partir do material disponibilizado foi realizado um estudo tendo como alicerce os documentos pedagógicos que embasam legalmente o trabalho da EFAP, entre eles: Plano de Curso Técnico de Nível Médio em Agropecuária, Projeto Político Pedagógico – PPP, Planos de Ensino e de Aula. Todas as informações coletadas tornam-se como fio condutor para os primeiros procedimentos de análise e cruzamento das informações com a intenção de identificar o princípio da pedagogia empreendedora em representações conceituais, metodológicas e pedagógicas que subsidiam tais documentos.

Assim, ao considerar os arquivos de documentos como uma das possibilidades de fonte de informações esta se apresentou como uma fonte rica de dados sobre a proposta pedagógica que subsidia todo o marco teórico e filosófico da escola. Segundo Pádua (1997, p.62):

Pesquisa documental é aquela realizada a partir de documentos, contemporâneos ou retrospectivos, considerados cientificamente autênticos (não fraudados); tem sido largamente utilizada nas ciências sociais, na investigação histórica, a fim de descrever/comparar fatos sociais, estabelecendo suas características ou tendências [...].

Os documentos assumem relevância, sobretudo ao considerar que os mesmos analisados, além de legítimos e válidos resultam em condições indispensáveis para que a metodologia desenvolvida nesta pesquisa não esteja apenas adequada à análise do objeto ou do campo temático em questão, mas também que esteja ancorada teoricamente e desenhada de forma coerente com os objetivos da investigação proposta.

3.3.2 Experiências no ambiente escolar: vivência na rotina educativa dos alunos

Observou-se *in loco* período de uma semana como se constituía a rotina dos alunos no ambiente escolar e o desenvolvimento das atividades de aprendizagem, considerando tanto o ambiente de sala de aula como as atividades de campo. Nesse período houve a aplicação de

questionário para os alunos. Contudo, ressalta-se que a semana vivenciada pela pesquisadora como estratégia de observação, possibilitou extrair informações não só na rotina escolar como também na rotina de vida dos alunos na escola, baseadas na proposta da Pedagogia da Alternância que propõe um sistema de semi-internato para aqueles que moram na comunidade, e outros por serem de outro estado moram na própria unidade de ensino.

Desta forma, a técnica utilizada contribuiu de forma significativa para a pesquisa, tornando-se principal aliada à contextualização da realidade escolar. Por meio da observação foram realizadas, a descrição dos sujeitos, das atividades e comportamentos, como demonstra a Figura 2, que mostra os alunos no trabalho de descarga do material podado ou recolhido nas dependências da escola, para posterior empilhamento, compostagem e produção de adubo. Também realizou-se registros fotográficos e anotações particulares dando variedade às informações que foram coletadas.



Figura 2 – Alunos transportando material para reciclagem.

Fonte:Acervo do Autor (Minervino, 2014)

No sentido de compreender as concepções dos discentes quanto à educação empreendedora ocorreu a aplicação de um questionário com questões mistas (objetivas e subjetivas) como uma das técnicas para coleta de dados. Para a pesquisa científica, a utilização de questionário torna-se importante, pois, sendo um instrumento de investigação recolhe informações de um grupo representativo da população de estudo.

Nesta mesma linha de coleta de dados e para o aprofundamento das informações também foram aplicados questionários aos docentes, aos pais e/ou responsáveis e ao gestor. A intenção foi obter informações sobre as diretrizes pedagógicas da escola dentro de uma metodologia que compreende o empreendedorismo educacional como um dos elementos que norteiam as práticas educacionais desenvolvidas pela EFAP. Todos os elementos coletados servem de parâmetro para a análise dos dados e posterior reflexão quanto à filosofia pedagógica adotada pela escola com bases no empreendedorismo educacional e como este influi na formação dos alunos.

Assim, a obtenção dos dados por meio da aplicação de questionário caracteriza-se por cada segmento pesquisado da seguinte maneira:

- Discentes – uma turma do 4º ano do curso técnico em agropecuária composta por 32 alunos. A escolha da mesma deu-se pelo critério de já terem cursado 87,5% do curso pesquisado e como consequência já trabalharam quase todos os componentes curriculares, possibilita responder com segurança o questionário proposto.

- Pais e/ou responsáveis – para a obtenção dos dados deste segmento os questionários foram entregues aos alunos para levarem aos pais e/ou responsáveis, para que estes respondessem. Posteriormente, a pesquisadora desenvolveu o trabalho fazendo visitas aos familiares em algumas residências para receber os questionários que não lhe foram devolvidos. Contudo, foram obtidos somente 16 questionários, este número justifica-se pelo fato da maioria desses sujeitos não terem residência nas proximidades da escola, bem como o difícil acesso às propriedades rurais, o que motiva os alunos a permanecerem na escola, durante o final de semana. Isso dificultou uma ação de coleta das informações junto a este segmento.

- Docentes – Os questionários aplicados foram representados por professores correspondentes aos dois últimos módulos do curso, totalizando 5 questionários respondidos. Este número deve-se ao fato de os docentes serem professores que trabalham por módulo sendo cedidos pelo estado para atuarem na escola com tempo determinado relacionado às cargas horárias correspondentes a cada componente curricular.

- Gestor – A aplicação do questionário foi direcionada a um único sujeito que responde pela direção geral da escola.

A coleta de dados no ambiente escolar estabeleceu-se em períodos diferentes para cada segmento, possibilitando novas experiências de convívio. Discentes, pais e/ou responsáveis investigou-se no período de 20/06 a 29/06/2014, gestor da escola de 08/07 a 12/07/2014 e para os docentes de 06/08 a 08/08/2014. Esses momentos proporcionaram a sistematização da investigação através de etapas que foram sendo concluídas conforme a possibilidade de acesso ao local de desenvolvimento da pesquisa.

Ressalta-se que a escola encontra-se em uma localidade de difícil acesso, a estrada não é asfaltada, dificultando a passagem dos veículos conforme mostra Figura 3. Esse fato, somado às chuvas constantes próprias da região norte, deixam as estradas intrafegáveis que impediu um maior número de visitas na escola pesquisada.



Figura3 – Estrada de acesso à escola.
Fonte:Acervo do Autor (Minervino, 2014)

As informações resultaram em um conjunto de elementos balizadores que serviram de referência para o estudo de comparações e análises do tratamento de dados. Dessa maneira, as propostas de coletas de dados servem para aprofundar informações sobre como os alunos percebem o ensino do empreendedorismo na proposta pedagógica da escola e está em sua formação e até que ponto remetem essa compreensão para sua vida pessoal ou profissional.

3.3.3 Transcrição das informações coletadas

O contexto da realização do trabalho investigativo possibilitou a pesquisadora desenvolver etapas, que constituíram um roteiro sistemático para a coleta de dados que atende ao perfil de investigação da pesquisa. Assim, ao construir o questionário para a coleta de dados, bem como vivenciar momentos no cotidiano escolar tendo como critério a observação e finalmente ter contato com os documentos pedagógicos da escola como busca de informações para compor a coleta de dados, a sequência desses elementos tornou-se essencial para a transcrição dos dados em resultados para a pesquisa.

Dessa forma, como critérios foram estabelecidos para a coleta de dados as seguintes etapas:

- Aplicação de questionário;
- Observação no ambiente da pesquisa;
- Análise de documentos pedagógicos.

Todas as etapas acima descritas constituíram-se em direcionamentos para a coleta de dados, sendo todo o processo de investigação direcionado ao objetivo da pesquisa. Assim, os sujeitos em análise representam os segmentos que compõem a escola sendo eles: discentes, docentes, pais e/ou responsáveis e gestor que perfazem o ambiente educativo. Ao considerar a

análise sobre os registros documentais, esses elementos se constituíram como orientador sobre como se institui a prática educativa consolidada nos documentos que embasam a filosofia pedagógica da escola.

Ao fazer a transcrição do material coletado, foi possível fazer o levantamento de todas as informações e descrever aspectos relevantes para análise e tratamento dos dados que se configurou inicialmente como uma pré-análise do material, realizando-se várias leituras e reflexões do mesmo para entender e compor os dados da investigação. Após a organização das informações, estas estão expressas na pesquisa em discussões sobre o resultado dos dados analisados com representações em tabelas e gráficos, como forma de demonstração das categorias elencadas na investigação. A intenção do tratamento e análise dos dados foi obter informações sobre as diretrizes pedagógicas desenvolvidas pela escola, e como cada segmento representativo percebe nas práticas metodológicas o empreendedorismo educacional como um dos elementos balizadores que e constitui na filosofia educacional da EFAP.

3.4 Sujeito da Pesquisa

3.4.1 Escola campo da pesquisa

A Escola Família Agrícola situa-se em um distrito pertencente ao Município de Macapá, que está localizado em uma região de planície, possuindo duas áreas bem distintas: uma de várzea e outra de terra firme. É formada por 25 comunidades e uma população de mais ou menos 6.000 habitantes. A região interliga-se com a capital do estado através da Rodovia AP 70, cuja distância é de aproximadamente de 130Km (STUCHI, 2013).

A EFAP trabalha com a realidade local formando técnicos em agropecuária que corresponde ao eixo tecnológico: recursos naturais, com carga horária total de 2.325 horas, tendo como objetivo pedagógico e filosófico promover uma formação de agricultores com responsabilidade social e sustentável, qualificados, empreendedores, agentes de desenvolvimento do campo. Funciona em um sistema de semi-internato na proposta pedagógica de alternância considerando nesta perspectiva o aluno como um extensionista, ou seja, momentos na escola e momentos na família/comunidade numa práxis pedagógica que valoriza o contexto local para a sistematização da teoria e prática.

Neste sentido, essa relação consubstanciada na alternância não se constitui como uma mera justaposição de espaços e de tempos, uns dedicados ao trabalho e outros aos estudos, mas que se integram em uma prática curricular que considera os dois pólos (trabalho e formação) para promover nos alunos consciência crítica sobre sua participação como sujeito ativo na família e na comunidade ao qual se encontram inserido.

A Escola Família Agrícola do Pacuí oferta o Curso Técnico de Nível Médio em Agropecuária concomitante e subsequente. Para dar suporte às atividades de teoria e prática, conta com laboratórios de campo (ambiente externo), laboratórios interdisciplinares, sendo estes: química, física, biologia, informática, a biblioteca e as salas de aulas, alojamentos, auditórios e refeitório. Como parte integrante da formação, os alunos são submetidos além das atividades práticas laboratoriais à formação profissional, principalmente no período de estágio. Esse período contempla o estágio profissional que o aluno deve fazer dentro de uma empresa e/ou órgão público que estabeleça afinidade com o perfil do curso.

A estrutura e funcionamento da escola caracterizam-se por atender as finalidades da filosofia das Escolas Famílias Agrícolas, da legislação de ensino e as exigências de uma educação para a cidadania. Para isso, conta com corpo docente composto com diferentes

profissionais com suas respectivas áreas de formação: licenciados que trabalham nas disciplinas da base nacional comum, profissionais da área técnica específica para atender as disciplinas profissionalizantes, bem como profissionais com formação pedagógica para dar suporte na condução do trabalho pedagógico e administrativo da escola. Além, dos professores/monitores do quadro permanente, sendo a parte técnica de formação e aprendizagem da escola composta por profissionais temporários cedidos pelo Governo do Estado.

Ao adotar a filosofia da pedagogia da alternância, a EFAP apresenta em sua constituição pedagógica características peculiares aos conceitos basilares nos quais se fundamentam uma Escola Família Agrícola, pode ser entendida como: conjunto de períodos formativos que se repartem entre o meio sócio profissional e a escola, permeando uma interação educativa em que o aluno intercala um período de 15 dias na escola e outro período de 15 dias na propriedade da família. Esse conjunto de estratégias possibilita aos jovens que vivem no campo conjugar a formação escolar com as atividades e tarefas na unidade produtiva familiar, sem desvincular-se da família e da cultura do meio rural.

A EFAP funciona em uma unidade escolar com aproximadamente 85 hectares, sendo mantida pela Associação das Famílias da Escola Família Agrícola - AFEFARP, entidade sem fins lucrativos que sobrevive com os recursos dos próprios associados e recursos financeiros provenientes de convênios firmados inicialmente com a Diocese de Macapá, a ONG italiana: Associação dos Amigos do Espírito Santo – AEES, entidades sociais federais, estaduais, municipais (STUCHI, 2013).

3.4.2 Discentes

A turma escolhida para a pesquisa é do curso técnico de nível médio em agropecuária, sendo composta por 32 alunos que já se encontram no último ano de formação e puderam contribuir de forma mais significativa na investigação. Os quatro anos de estudos na condição escolar de semi-internato baseados na pedagogia da alternância vivenciados pelos os alunos na EFAP, somaram positivamente nas informações que se procurava para embasar a pesquisa ora proposta. Outro fator relevante encontra-se na receptividade da gestora da escola que possibilitou a pesquisadora em estar no espaço de investigação proporcionando momento ímpar de observação junto aos alunos, nos momentos de atividades de sala de aula e nos ambientes externos (laboratórios/ambiente), bem como na rotina pedagógica da escola.

A maioria dos discentes entrevistados tem origem de comunidades rurais, vindo de escolas públicas da região, que seguem cultura familiar baseada nas atividades agrícola. Estudam na EFAP por se identificarem com a proposta de educação voltada aos interesses do indivíduo no campo. A escola também atende à comunidade bastante distante e alguns alunos são advindos do Pará, da região transamazônica, sendo adotados por famílias da comunidade para que possam estudar o curso técnico na escola família agrícola, retornando apenas uma vez por ano para suas casas.

Estes discentes, seja em momento de estudo no ambiente escolar ou em alternância na propriedade familiar encontram-se em contato direto com o trabalho agropecuário desenvolvendo atividades teórico/prático de maneira sistematizada relacionadas a sua área de formação. A Figura 4 mostra como no ambiente escolar reproduz-se em laboratório de campo a mesma realidade de manejo de animais de uma propriedade rural.



Figura 4 – Aviário da EFAP.
Fonte: Acervo do Autor (Minervino, 2014)

3.4.3 Pais e/ou responsáveis, docentes e gestores

Para estabelecer relações sobre os dados coletados e fazer comparações de análise referente à coleta de dados outros sujeitos foram considerados para a obtenção de informações. Neste sentido, uma parte complementa a outra, propiciando a possibilidade de garantir na investigação vários pontos de vista sobre empreendedorismo educacional no contexto metodológico da escola.

Assim sendo, foi realizada a pesquisa junto aos pais e/ou responsáveis dos discentes, pois são considerados como membros na gestão escolar, possuem participação direta e ativa nas atividades escolares sendo que alguns deles também fazem parte da associação do Conselho administrativo. Entre suas atividades está a de realizar cinco plantões de vinte e quatro horas ao longo do ano. Diante dessa realidade e, pelo fato de estarem envolvidos no processo educativo, os alunos puderam contribuir significativamente com informações obtidas através do questionário para a identificação de práticas do ensino empreendedor desenvolvido pela escola, contribuindo de maneira relevante na coleta de dados para a pesquisa.

Os dois últimos sujeitos, docentes e o gestor sendo representantes diretos na condução do ensino, pois são os que pensam e executam a proposta pedagógica da EFAP garantem uma fonte legítima das informações no que se diz respeito a uma visão macro. Sobre os docentes, estes trabalham no regime modular não tendo nenhum vínculo com a escola. Desenvolvem suas práticas pedagógicas seguindo os princípios metodológicos específicos a essa modalidade de ensino. Visitam a propriedade rural pelo menos duas vezes ao ano para consolidar nos planos de estudo a tarefa que os alunos deverão realizar na alternância, bem como seguem a proposta pedagógica contida no plano de curso, sendo que este apresenta em sua constituição filosófica bases do princípio do ensino empreendedor.

Tanto quanto o docente a gestora da escola que responde pelo cargo da direção é responsável em garantir no cotidiano escolar o funcionamento da mesma promovendo através da gestão escolar a garantia de ações educativas que respeite a realidade do ensino do campo

consolidado em uma proposta pedagógica com via à manutenção da qualidade do ensino ofertado aos membros da comunidade rural.

Esses sujeitos que compõem a EFAP se constituem a base de toda coleta de dados no que se refere à investigação a partir da aplicação do questionário. Portanto como sujeitos da pesquisa ganham relevância como representantes legítimos na articulação entre as informações prestadas para a análise dos dados.

Desta forma, a intenção aqui foi em obter informações sobre as diretrizes pedagógicas adotadas pela escola tendo a compreensão dos discentes, pais e/ou responsáveis, docentes e o gestor quanto ao empreendedorismo educacional como elemento balizador nas práticas metodológicas desenvolvidas pela EFAP. Todos os elementos coletados servem de parâmetro para a análise dos dados e posterior reflexão quanto à postura educacional e filosófica adotada pela escola agrícola e como essa construção pedagógica chega à formação dos alunos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Concepções Empreendedoras e sua Correlação no Curso Técnico em Agropecuária

A proposta de discussão deste item é trazer para análise como a constituição do ensino profissionalizante, em específico o curso técnico de nível médio em agropecuária integra-se à proposta do empreendedorismo educacional, tomando como referência os elementos: educação e trabalho. Esses são pilares indissociáveis que se completam no ensino técnico na formação de jovens pertencentes às comunidades rurais. Ressaltamos que a partir das informações coletadas se obteve parâmetros para se estabelecer análise sobre como se correlaciona a concepção da educação empreendedora como umas das teorias que embasam a prática pedagógica do curso pesquisado.

Sendo a pesquisa realizada em uma comunidade na zona rural, partimos do ponto que se considera como parâmetro a realidade local e como as pessoas percebem a função da escola na formação dos filhos, a qual se caracteriza principalmente em atender a especificidade educativa da comunidade do campo. Nesse sentido, a primeira referência de análise é posta na representatividade dos pais e/ou responsáveis, pois estes exercem influência nos estudos dos filhos. Este fato é constatado no resultado dos dados de questionário, onde todos os entrevistados responderam que exerceram influência na escolha dos estudos de seus filhos para cursar o ensino profissionalizante técnico de nível médio em agropecuária ofertado pela EFAP. O fato pode ser explicado na intenção dos pais e/ou responsáveis, em perceberem no ensino técnico profissionalizante a possibilidade de seus filhos continuarem a trabalhar os conhecimentos técnico-científicos aprendidos na escola e aplicá-los na propriedade familiar, gerando renda à família.

A diretora da EFAP informou que a escola tem por finalidade atender a especificidade de formação da educação do campo gerando desenvolvimento para comunidade. Esse fator é determinante no interesse dos pais para que seus filhos cursem o ensino técnico na referida escola, pois o curso técnico em agropecuária contempla a formação profissional para as atividades agrícolas que se inter-relaciona com a atividade econômica da região. Um aspecto que nos chamou a atenção é o fato da EFAP, também, promover vários cursos de capacitação para a comunidade escolar e, entre esses, observou-se a inclusão de cursos com a temática empreendedora, levando-nos à compreensão inicial de que o ensino do empreendedorismo se vincula com a proposta pedagógica da escola.

É importante ressaltar que os docentes também são envolvidos nas capacitações, conforme foi verificado nos resultados obtidos através do questionário aplicado aos mesmos, onde todos os entrevistados confirmam que participam dessas atividades na temática empreendedora promovida pela equipe pedagógica da escola como cursos e oficinas. Compreendemos, neste caso, que a escola desenvolve formação continuada sobre o ensino empreendedor para os docentes, visando articular a prática pedagógica à metodologia do empreendedorismo educacional, como estratégia para o desenvolvimento de competências e habilidades empreendedoras na formação do professor.

Esta formação continuada irá contribuir no trabalho pedagógico do professor em sala de aula com seu aluno, levando-o à compreensão do conhecimento na perspectiva metodológica do ensino empreendedor, que é desenvolver no aluno, características de autonomia, autogestão e protagonismo na forma de conceber o conhecimento. É deste modo que aprofundamos o conceito de mediação, levando-nos a uma prática metodológica onde o aluno é protagonista no processo de construção do conhecimento e ele interage com seu

professor, com os livros, com os colegas e outros atores sociais que favoreçam sua aprendizagem, o que Moretto (2015) denomina “construção interativa”.

Outro ponto relevante no tratamento dos dados coletados está em identificar nos docentes o fator motivacional ao serem envolvidos em cursos de formação continuada proporcionados pela escola. Conforme analisado nas respostas dos docentes em questionário, todos demonstraram que se sentem motivados a participar de novas capacitações a respeito da temática empreendedora. Esse quadro leva-nos a delinear como a escola formata as ações pedagógicas para a formação continuada dos professores que nela atuam. Ao relacionarmos essa prática de gestão e o projeto educacional em curso no Brasil, que conforme revelado por Frigotto (1996) é consubstanciado sobre as novas competências e finda por gerar implicações para formação de professores, percebe-se que o intuito é enquadrar o professor num ‘novo modelo’ de escola, onde possa formar um aluno que corresponda e se molde, sobremaneira, às transformações econômicas, políticas, sociais e tecnológicas da sociedade.

Neste sentido, fica fácil percebermos a intenção da EFAP em associar sua proposta pedagógica com o ensino empreendedor. Nesta relação encontramos o interesse da escola em promover uma concepção pedagógica que se articule com o novo paradigma educacional, mais próximo da linha de trabalho desenvolvida pela mesma, com isso a necessidade de capacitação sobre o ensino empreendedor para compor sua proposta educativa que deve envolver: professores, alunos, comunidade externa, bem como definição de objetivos, conteúdos, metodologias e a organização do trabalho pedagógico. De fato, a EFAP busca essa associação pedagógica. No entanto, entendemos que não pode faltar nesse processo a verdadeira essência do projeto educacional, que não pode estar desvinculada da sua função social, que é de prestar formação de qualidade com bases sociais e políticas e não meramente mercadológica.

Ainda com relação à formação continuada no ensino empreendedor, e ratificando o que foi exposto acima, apontamos a participação nesse processo da comunidade externa (pais e/ou responsáveis) nos cursos e capacitações. Desse modo, a pesquisa foi estendida a esse grupo, sendo perguntado se participariam de novas capacitação/cursos na linha empreendedora. Os resultados mostraram como resposta a unanimidade dos entrevistados, o que demonstram interesse sobre o tema empreendedorismo. Entende-se que o interesse deste grupo por cursos na área empreendedora está ligado à própria necessidade de aprimoramento do conhecimento quanto às atividades agrícolas que os mesmos desenvolvem em suas propriedades e onde sobrevivem desta atividade econômica, levando seus produtos agrícolas para a comercialização nas feiras da capital (Macapá). Assim, para eles, os cursos são uma forma de atualização de técnicas e conhecimentos sobre novas formas de compreender e lidar com o mercado consumidor.

Segundo Dolabela (2013), uma das características da pedagogia empreendedora é que a comunidade deve participar de forma ativa como aprendiz e como apoiadora no processo de construção do conhecimento, bem como, participar da definição dos objetivos educacionais. Desse modo, nota-se que o trabalho pedagógico nesta perspectiva define-se em sua complexidade quanto à condução do ensino em conferir ações pedagógicas que envolvam todos os sujeitos da escola.

No entanto, a formulação desta concepção aliada à educação concebida sob um ‘novo conceito pedagógico’ ainda expressa preocupação e exige atitude investigadora quanto sua composição e finalidade no currículo escolar, a fim de que não venha a se resumir em práticas modeladoras que atendam um perfil de formação vigente. Ciavatta (2011) tece uma reflexão sobre o novo perfil de trabalhador no paradigma emergente que define competências

empreendedoras frente ao novo mercado. A autora faz uma crítica e observa que não apenas as novas competências devem compor a formação técnica, mas que, também, o ensino necessita estar fundamentado numa formação que abranja a capacidade de análise crítica, responsabilidade social, capacidade de reação e interação com o meio.

Ao refletir tal questão, analisamos a necessidade de se edificar nas bases de formação do sujeito uma ação educativa com significados na constituição crítica do conhecimento. Para que isso ocorra, será necessário não apenas formular e programar cursos de capacitação na área empreendedora ou qualquer outra área de conhecimento, mas entender o que esse conhecimento pode ajudar na formação integral do sujeito, ou seja, é perceber a intencionalidade das propostas educativas no espaço escolar, pois assim, tais ações pedagógicas podem resultar numa proposta que remeta para integrar e não excluir o sujeito do seu processo de maturidade intelectual. O intuito primordial deve ser a formação de cidadãos conscientes e participativos na sociedade, para além de uma educação que remeta apenas ao mercado de trabalho.

Sobre o mesmo olhar investigativo, analisaremos agora como se fundamenta o ensino empreendedor nas práticas educacionais e metodológicas no curso técnico em agropecuária e, conseqüentemente, na formação dos alunos. A esse respeito, a informação mais enfática encontramos no posicionamento da gestora da instituição. Esta sinalizou de forma escrita que incentiva e promove o ensino relacionado à educação empreendedora na EFAP, pois para ela: “a escola garante para sociedade o capital humano, tanto quanto um bom profissional, como também a formação humana”. Ao ser questionada se é possível a escola ensinar alguém a ser empreendedor e/ou empreender em sua vida para alcançar metas pessoais e profissionais, a gestora respondeu que sim, pois para ela, essa possibilidade existe a partir do processo de aprendizagem significativa na condução do ensino, quando se mantém a responsabilidade e o foco na aprendizagem. Este fato assinala que a gestora concebe a educação empreendedora como um ensino relevante para a formação dos alunos do curso técnico em agropecuária.

Diante do exposto, percebemos que a gestora anseia por um aporte teórico mais aprofundado e consistente sobre o que envolve a educação empreendedora. Entendemos que esse aprofundamento conceitual não pode ser limitado a uma visão meramente conceitual, pois ao decorrer da pesquisa, encontramos aportes literários onde alguns autores debatem a temática empreendedora considerando tanto os aspectos positivos, quanto os negativos do ensino empreendedorismo no campo educativo. Também constatamos, nas pesquisas literárias, estudos que apontam evidências claras sobre a aproximação dos processos de desenvolvimento do ensino empreendedor e da aprendizagem empreendedora com relação às novas competências requeridas pela sociedade do conhecimento e que a escola deve desenvolver na formação do sujeito. Portanto, as discussões e o debate sobre o tema torna-se relevante e imprescindível para compreender as características e fundamentos da educação empreendedora e, como estes processos se constituem dentro do espaço escolar na formação do sujeito.

Seguindo a investigação, e analisando as respostas feitas em questionário aos discentes quanto se eles apresentaram mudança de comportamento pessoal e profissional a partir do ensino empreendedor contido em alguns componentes curriculares, constatou-se que 100% dos entrevistados responderam que sim, bem como relataram de forma escrita que essa mudança de comportamento se refletiu em suas atitudes cotidianas, onde os mesmos sentiram-se mais otimistas e com vontade de abrir o seu próprio negócio e/ou gerir o empreendimento na propriedade familiar.

Ao identificar na formação dos alunos do EFAP princípios do ensino empreendedor conforme relatado nas informações descritas nos itens acima, e, para compor elementos que possam fundamentar a análise da pesquisa, foi perguntado em questionário aos discentes qual nível de contribuição dos conhecimentos adquiridos durante a formação que favorece na implantação do seu próprio negócio. As respostas, demonstradas pela Figura 5, mostraram que 93,75% dos entrevistados reconhecem que os conhecimentos relacionados ao ensino empreendedor contribuem e estimulam significativamente para abertura de um negócio, sendo que apenas 6,25% discentes marcaram o subitem “pouca contribuição”, em relação a esse último dado os discentes relataram de forma escrita que já tinham experiência de formação extracurricular sobre a temática, ou seja, procuraram por interesse próprio cursos voltados ao ensino empreendedor.

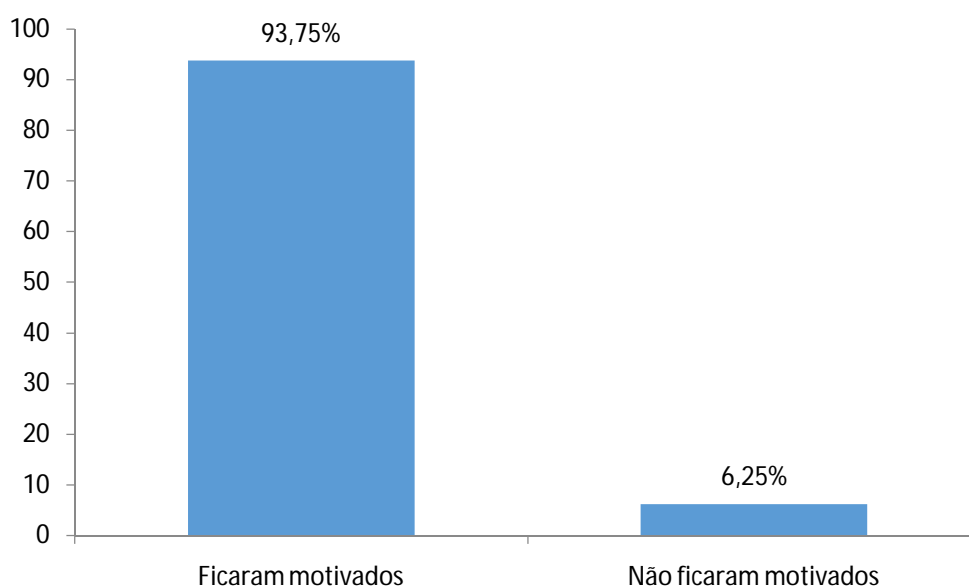


Figura 5 – Gráfico demonstrativo de resposta dos alunos referente à contribuição dos estudos para implementação do próprio negócio

Sobre esses dois últimos itens acima exposto cabe uma análise singular, percebemos após pesquisas sobre a teoria da Educação Empreendedora que esta estabelece uma estreita relação com ensino profissionalizante quanto ao processo de aprendizagem para formação de competências requeridas ao perfil do cidadão trabalhador. Esta relação se dá quando seus conceitos e metodologias estimulam uma percepção sobre o mercado de trabalho inerente a formação do ensino técnico. Esta característica possibilita compreendermos como pode se desenvolver a inter-relação entre o ensino empreendedor como elemento singular na formação do técnico em agropecuária, e que de certa forma representa na visão dos alunos possibilidades de conhecimentos para vislumbrar variadas formas de atuação profissional.

Assim, considera-se inerente a formação do técnico em agropecuária a peculiaridade que sugere em sua área de atuação a possibilidade de abertura do seu próprio negócio. Nessa perspectiva recordamos a crítica de Ciavatta (2008) a esse respeito, mostrando que a constituição de modelada educação profissional e tecnologicavisa responder apenas as necessidades do mundo do trabalho permeado pela presença de ‘novas formas’ de valores e geração de riqueza, quando na verdade deveria promover o direito a uma formação completa, para a leitura do mundo e para a atuação como cidadão pertencente a um país, integrado dignamente à sua sociedade política.

No embasamento teórico literário utilizado percebemos que os autores partilham da ideia que a formação empreendedora envolve conhecimentos, competências e habilidades que podem ser aprendidas e desenvolvidas sem prejuízo na formação crítica do aluno. Para tanto, necessita de propostas e estruturas educacionais diferenciadas, pois busca o desenvolvimento de competências traduzidas em características e atitudes comportamentais que beneficiarão o indivíduo empreendedor nas diferentes situações que confrontará no mundo do trabalho. Para isso, significa que a escola tem que rejeitar estruturas concebidas nas propostas do sistema convencional de ensino, ou seja, uma quebra de paradigmas ao ensino tradicional que apenas transmite conteúdos.

De fato, reconhecer que as mudanças nas últimas décadas atingem diretamente a educação sob a perspectiva de um novo modelo de escola é também entender que a mesma deve romper com o sistema tradicional de ensino que não mais se sustenta no novo paradigma de sociedade. Novas teorias pedagógicas surgem para nortear as diretrizes educacionais deste novo século, e nesse contexto, a educação empreendedora ganhou espaço nas reformas educacionais e no âmbito educativo, tendo como consequência a influência no currículo. Nessa perspectiva, muitas vezes quem está na base (diretores, professores e pedagogos) sem quase ou nenhuma preparação pedagógica sobre as ‘novas teorias educacionais’, apenas excuta as propostas ‘educacionais’ sem se quer reagir de modo reflexivo sobre os saberes que estão sendo transmitidos, consolidando as ideias que nascem de fora do espaço educativo.

Com o intuito de aprofundar a análise quanto ao princípio do ensino empreendedor na formação dos alunos foi perguntado a eles como concebem o termo empreendedorismo, para tanto, constou no questionário a seguinte pergunta: Você conhece o significado do termo ‘empreendedorismo’?. As respostas possibilitaram quantificar, na turma, quantos têm conhecimento conceitual apreendido na escola, como os discentes conseguem compreender o significado da palavra empreendedorismo e como eles a relacionam na sua formação. Obteve-se como resultado o seguinte quadro: 90,62% dos discentes conhecem o significado do termo empreendedorismo; 3,13% responderam desconhecer e 6,25% dos entrevistados não respondeu, isto pode ser constatado conforme Figura 6, abaixo.

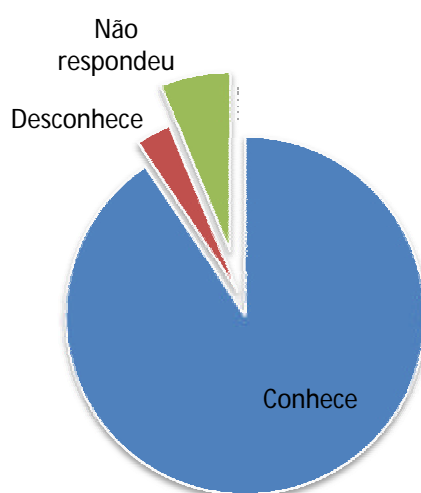


Figura 6 – Gráfico demonstrativo de respostas dos alunos quanto ao conhecimento do significado do termo “empreendedorismo”

Essa referência sobre o entendimento conceitual do empreendedorismo para os discentes nos leva a análise de que eles vinculam o conhecimento sobre o empreendedorismo à realidade de vivência da comunidade do campo, espaço onde estão inseridos, e que está ligado diretamente ao setor produtivo rural. Assim correlacionam a formação técnica profissional com aspirações de atuação no mercado de trabalho. Para Dolabela (2003), o ensino empreendedor deve apresentar-se como uma proposta educativa que visa promover pessoas criativas, autônomas e protagonistas de sua história, ou seja, em seres humanos críticos e preparados para lidar com os desafios de um sistema em constante evolução.

É nesse cenário de mudanças e novas perspectivas de formação que se consolida o discurso empreendedor, sendo introduzido como proposta pedagógica no currículo escolar, ou seja, na constituição educacional onde a escola aparece como o locus privilegiado para essa formação. No entanto, a própria escola representada por seus agentes educacionais deve promover o debate e a reflexão sobre que tipo de cidadão está formando e não somente reproduzir em seu ambiente um modelo de educação imposto de fora para dentro.

Nesse sentido, para entender como esse processo se constitui na EFAP, foi perguntado à gestora da instituição sobre como ela entende a concepção da educação empreendedora, a mesma colocou em linhas gerais que: “educação empreendedora é a preparação do aluno para se tornar um empreendedor em sua própria vida”. Percebemos na resposta da gestora uma aproximação do conceito que remete ao que Dolabela (2003) coloca sobre a abordagem da Pedagogia Empreendedora que associa o conceito empreendedor como uma forma de ser, ou seja, um estilo de vida, uma visão de mundo, maneira de pensar, bem como uma orientação em direção à inovação e à capacidade de produzir mudanças em si mesmo, no ambiente, e no meio e formas de buscar a auto-realização.

Continuando um pouco mais a questão, perguntou-se à gestora sobre a estrutura organizacional da matriz curricular do curso técnico em agropecuária em relação à teoria pedagógica do empreendedorismo. A gestora da escola confirma a presença do ensino empreendedor, acrescentando de forma escrita que no curso técnico de agropecuária a escola: “Oferece componentes curriculares que abordam sobre empreendedorismo”. Em análise na resposta e no documento pedagógico (matriz curricular), constatou-se que o desenvolvimento do ensino empreendedor não consta como base teórica e embora apareça em alguns componentes curriculares, carece de uma abordagem pedagógica constituída pela escola e é compreendido pela gestora como formação complementar e necessária. Isso implica na fragilidade conceitual e de aporte teórico quanto à função do ensino empreendedor nas conduções das práticas pedagógicas da EFAP.

Ainda segundo a gestora, cabe à mesma o gerenciamento por vezes de encontros de formação (oficinas e cursos de capacitação), dentre as temáticas inclusas está o empreendedorismo que para ela possibilita momentos de discussão sobre novos paradigmas educacionais. No entanto, em análise sobre a inserção deste tema na proposta pedagógica da escola, notamos que estão muito embasadas em conceitos e práticas trazidas pela presença de instituições externas, não aparecendo a fundamentação teórica nos documentos pedagógicos. Entende-se da importância em travar um diálogo no campo teórico do currículo, pois ele expressa por meio de uma proposta pedagógica intenções que promovem ações norteadoras, visando a um melhor nível do ensino e de conteúdos programáticos.

Ficou evidente a especificidade da formação técnica profissional ofertada pela EFAP, além de estar embasada na pedagogia da alternância, estaprocure estabelecer parcerias com alguns órgãos para capacitar seus alunos e compor apoio pedagógico para alguns componentes curriculares, principalmente aqueles que desenvolvem competências para o

trabalho agrícola. Estas estratégias devem estar associadas a um ensino que considere a promoção e o desenvolvimento de competências e habilidades voltadas a área do técnico em agropecuária, e, a competência empreendedora está entre algumas características desse profissional. Na pesquisa foi revelado que este apoio pedagógico é desenvolvido por instituições externas, entre elas estão: o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural – SENAR e SEBRAE que capacita, fala e trabalha sobre o empreendedorismo.

Em análise quanto ao conteúdo desses componentes curriculares nos quais a escola necessita de apoio de instituições externas, encontramos a elaboração de projetos agropecuários que devem ser desenvolvidos pelos alunos em consonância com os processos produtivos da comunidade em que estão inseridos, constituindo-se também, como aulas práticas dos alunos. Dessa forma, ao final do curso, os alunos devem estar preparados a desenvolver e apresentar o Projeto Profissional do Jovem- PPJ. Esse projeto visa a elaboração de um plano de negócio que esteja associado preferencialmente ao que o aluno poderá aplicar na propriedade familiar, valendo também como requisito para finalização do curso.

Vale ressaltar que a constituição da proposta educativa sobre o ensino empreendedor desenvolvido pelo Serviço Brasileiro de apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE/AP na contribuição para a formação do técnico em agropecuária da EFAP segue um programa nacional de educação empreendedora para o ensino médio que deve ser aplicado nas escolas, tendo como objetivo consolidar a cultura empreendedora na educação, assemelhando-se, em alguns aspectos, à concepção metodológica da pedagogia empreendedora de Dolabela. Trata-se neste caso, de uma condição de formação vinda de fora para dentro do espaço escolar e diante deste cenário fica visível o papel da escola como coadjuvante.

Sob esta ótica, cabe lembrarmos do questionamento de Moretto (2015) sobre o papel da escola nesse novo contexto vivenciado pela sociedade: a escola tem realizado a contento, suas funções conservadora ou transformadora? Enfatizar em resposta, uma única vertente, não condiz com a realidade que presenciamos. É inegável que temos que considerar os novos modelos de educação, mas a escola não pode abrir mão de seu papel educativo, pois o novo paradigma de educação deve ser construído por seus atores dando um novo sentido no processo de aprendizagem, e estamos no meio de um processo de transformação.

Assim, sobre as implicações da educação empreendedora na educação é preciso considerar que, apesar da teoria empreendedora estar regulada sobre as novas necessidades de formação do indivíduo para a sociedade globalizada, não basta apenas seguir uma ‘nova abordagem pedagógica’. A escola deve promover ciclos de estudo e debate para amadurecimento sobre as bases conceituais do ensino empreendedor para que não se perca a garantia da articulação entre teoria e prática, entre ciência e técnica; reafirmando igualmente, a necessidade de gerar a compreensão do processo educativo que resultará na identidade do curso ofertado e, conseqüentemente, a formação do aluno.

No que tange a abordagem do princípio da Pedagogia Empreendedora encontrada na metodologia proposta por Fernando Dolabela, esta aparece em momentos significativos, ou seja, alguns princípios norteadores são identificados, mas não se constitui como base teórica fundamentada na proposta pedagógica da escola. Esse fato deve ser considerado já que a EFAP trabalha com elementos novos (ensino empreendedor) sendo que estes devem ser refletidos e debatidos pela comunidade escolar, pois nenhuma prática é neutra, sempre há uma intencionalidade pedagógica que reflete na sua identidade educacional.

Dessa maneira, é imprescindível que no plano de curso, bem como no Projeto Político Pedagógico-PPP considerem uma dimensão teórica que corresponda à proposta curricular desenvolvida pela escola e por consequência, na formação do sujeito e na organização do trabalho pedagógico. Para reforçar essa responsabilidade e compromisso, vale destacar aqui o embasamento legal da Lei Nº 9.394 (BRASIL, 1996) sobre princípios democráticos na escola consubstanciados nos artigos 12, 13 e 14 onde direciona que a escola tem autonomia para elaborar e executar juntamente com os profissionais da educação, conselhos e/ou equivalente sua proposta pedagógica.

A análise final nos remete que na constituição organizacional e pedagógica da EFAP, todos os elementos identificados e analisados mostram o quanto o ensino de empreendedorismo está presente na prática pedagógica e na formação dos alunos do curso técnico de nível médio em agropecuária, percebemos que apesar do ensino do empreendedorismo ser um viés constante em todo processo pedagógico e formativo, ao se fazer a correlação com os fundamentos teóricos que devem embasar a proposta curricular não encontramos nenhuma teoria pedagógica que fundamente a educação empreendedora nos documentos pedagógicos da escola.

Isto demonstra a necessidade de uma nova discussão em torno desses documentos basilares, ou seja, será necessário a escola revisitar estes documentos e promover debates acerca da teoria empreendedora e, se aceito pela comunidade escolar, reformular os documentos considerando uma proposta pedagógica que atenda de forma consciente aos anseios filosóficos e pedagógicos desenvolvidos pela instituição. Entende-se que a proposta educativa deve estar consubstanciada em bases teóricas que fortaleçam e representem a prática pedagógica desenvolvida no ambiente escolar devendo estar plenamente consolidado nos documentos pedagógicos da instituição.

4.2 O Princípio da Educação Empreendedora nas Diretrizes Pedagógicas e Documentais

Ao descrever as discussões referentes a este item a partir dos dados coletados, é necessário antes compreender os alicerces pedagógicos que direcionam a diretriz educacional de uma escola família agrícola. Consolidada na pedagogia da alternância tem como objetivo principal atender a especificidade de ensino da comunidade rural. Sendo seu projeto educativo configurado para a educação do campo, é concebida através de teorias e práticas pedagógicas específicas que integra família, escola e comunidade. Dessa maneira, as análises para as discussões aqui descritas tomam como parâmetro as propostas conceituais da educação do campo associada ao ensino médio profissionalizante, averiguando se foi contemplado o princípio da educação empreendedora nas diretrizes pedagógicas/documentais da escola.

Para o início da discussão, vale ressaltar que para compor a análise desse item foi necessário buscar alguns parâmetros legais que direcionam as diretrizes educacionais para a educação do campo, bem como o ensino médio e a educação profissional. Sem essas bases legais seria impossível um olhar investigativo nos documentos pedagógicos da escola que trabalha a oferta do curso técnico de nível médio, na forma integrada. Portanto, a intenção não é trazer a legislação em si para a discussão, mas consubstanciar a análise dos dados, quando necessário, aos objetivos da pesquisa.

Assim, começaremos a citar primeiramente a Constituição Federal de 1988, que trouxe o reconhecimento, no panorama nacional, tratando a educação do campo, como uma modalidade de ensino. Logo depois, temos a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Nº.9.394 (BRASIL, 1996), que ao referenciar a educação para o campo aborda em seu Art.

28a responsabilidade dos sistemas de ensino em promover as adaptações necessárias às peculiaridades da vida rural. A respeito das peculiaridades do campo a Lei aponta no mesmo artigo, em seus incisos I, II, III, respectivamente, as adaptações necessárias quanto: aos conteúdos curriculares e metodologias de ensino; organização escolar própria, adequação de calendário e adequação à natureza do trabalho rural. Nota-se que a Lei ao apresentar um olhar mais específico às reais necessidades da educação do campo, garante para esta modalidade de ensino adaptação na organização pedagógica em consonância a realidade da zona rural.

Destaca-se na composição desses referenciais a Resolução CNE/CEB Nº. 02/12 que trata das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Nesta, vamos considerar o Art.13 que também trata sobre a responsabilidade das unidades de ensino quanto a: condução de toda proposição curricular, fundamentada na seleção dos conhecimentos, componentes, metodologias, tempos, espaços, arranjos alternativos e formas de avaliação. Essa orientação legal nos aponta a importância da escola na sua função social, sendo ela responsável na condução do ensino devendo ter compromisso em garantir o desenvolvimento da organização educacional que se concretiza nos documentos pedagógicos.

Outra referência legal não menos importante para fundamentar as discussões já que a EFAP desenvolve o ensino médio profissionalizante, é a Resolução CNE/CEB Nº 06/12 que determina as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional e que, também, constitui base legal a ser observada pela escola, pois apresenta direcionamentos educacionais próprios da modalidade da Educação Profissional, que deve estar integrado com o currículo da formação geral.

Contudo, ao destacar as bases legais acima mencionadas, além de trazer novos elementos para a discussão da pesquisa, mostra a importância da legislação educacional como referência, não apenas legal, mas também, teórica, que deve direcionar a construção e organização dos documentos pedagógicos. É na legislação que constatamos que as unidades escolares que ofertam o ensino profissionalizante disponibilizam de autonomia para construir sua proposta pedagógica e compor a sistematização de seus documentos pedagógicos como: Plano de curso, conteúdos e procedimentos didático-pedagógico, bem como o Projeto Político Pedagógico – PPP. Com base nessa autonomia também têm a responsabilidade de promover, de forma coletiva, momentos de análise para, continuamente, revisar seus documentos basilares e garantir a identidade teórica afinada com sua prática pedagógica.

Assim, de posse dessas primeiras informações passamos para a análise propriamente documental da escola pesquisada. No primeiro momento as observações foram centradas em perceber se os documentos pedagógicos da escola estavam estabelecidos nos direcionamentos legais quanto sua estrutura organizacional, teórica e pedagógica. Dessa forma, ao analisar o PPP e o Plano de Curso da EFAP estes se apresentam embasados na concepção política da Pedagogia da Alternância. Essa proposta pedagógica é própria das áreas rurais e acompanha a realidade de vida dos alunos que devem estar em períodos de internato na escola e outro período em casa, aplicando seus conhecimentos na propriedade da família. Daí entendermos porquê da escola ofertar o Curso Técnico de Nível Médio em Agropecuária, pois vem ao encontro da necessidade de formação requerida pela comunidade rural.

Aprofundando mais sobre estes elementos, constatamos que a escola possui uma determinada autonomia junto com o conselho de gestores para gerir e fazer a composição da proposta educacional que visa organizar-se respondendo o que preconiza a educação do campo, associando esta proposta à educação profissional de nível médio. Portanto, ao analisar os elementos de aporte teórico/pedagógico e metodológico que rege a proposta pedagógica

nos documentos encontramos referências que se ligam diretamente a essas duas modalidades educativas.

Sobre a composição da matriz curricular do plano de curso, atende a estrutura formativa proposta para o curso técnico de nível médio em agropecuária. Observou-se na estrutura da matriz componentes curriculares na área da gestão, e de gestão de projetos. Entende-se que a presença dessas componentes são pelo fato de seus conteúdos abordarem assuntos relacionados à organização empresarial, planejamento, gestão de projetos entre outros assuntos que trabalham numa perspectiva de como lidar com situações reais de uma empresa/negócio; assuntos que estabelecem estreita relação com a concepção empreendedora e, conseqüentemente, com a área de atuação do técnico em agropecuária. No caso dos alunos da EFAP está o gerenciamento da propriedade familiar.

No entanto, ao levarmos esse ponto do ensino empreendedor para a análise no plano de curso não foi localizada nenhuma referência teórica que delineie o ensino empreendedor nas bases conceituais do referido documento. Como foi demonstrado consta componentes curriculares que viabilizam trabalhar numa perspectiva da educação empreendedora. O mesmo aspecto foi considerado para o PPP que apontou o mesmo resultado já constatado no plano de curso.

Então, o segundo documento analisado foi o Projeto Político Pedagógico – PPP onde verificamos que trata predominantemente das concepções educacionais que embasam a educação do campo estabelecida pela pedagogia da alternância. Retrata com ênfase uma proposta pedagógica de ensino para as comunidades rurais, tendo como preceitos básicos a educação e o trabalho, respeitando a realidade particular dos sujeitos do campo, sem negar o seu processo de continuação dos estudos superiores. O documento apresentou algumas questões relevantes que vamos pontuar: formação humana vinculada a concepção do campo; projeto de educação para os camponeses; matriz curricular associada ao trabalho da cultura; a escola inserida no projeto da educação do campo com valorização da identidade, produção de diferentes saberes; visão de mundo e memória da cultura; auto-estima e desenvolvimento econômico e sustentável da comunidade rural.

Desta forma, trazendo a referência da legislação educacional conforme explanado no primeiro momento e, depois nas informações obtidas na pesquisa dos documentos pedagógicos basilares foi observado os seguintes aspectos: a construção teórica e filosófica, estrutura pedagógica, diretriz curricular, conteúdos e constituição didático-pedagógica que embasam e direcionam as ações pedagógicas da instituição. Assim, chegamos a uma análise quanto à relação da concepção da educação empreendedora nas diretrizes pedagógicas e documentais do curso técnico em agropecuária.

O resultado da investigação apontou que, dentre as fundamentações teóricas e pedagógicas contidas na base conceitual dos documentos basilares da EFAP, não apareceu a concepção teórica do empreendedorismo educacional. Constatou-se também que os documentos analisados (Plano de Curso e PPP), encontram-se desatualizados quanto à legislação legal, que é anterior às referenciadas nesta pesquisa e já apresentadas no início desta discussão. Dessa forma, conclui-se que a escola trabalha em conceitos pedagógicos vagos, não atentando para as novas reformulações que estabelecem as diretrizes educacionais tanto para o ensino médio, como para a educação profissional devendo estar consolidadas nos documentos pedagógicos da instituição.

Este fato pode responder a lacuna que há entre os documentos basilares (plano de curso e PPP) e a referência conceitual do ensino empreendedor embasando as práticas pedagógicas desenvolvidas no curso técnico em agropecuária. Não devemos esquecer que a educação empreendedora é uma orientação das novas reformas educacionais estabelecida pelo quinto pilar da educação, acrescido aos quatro pilares já constituídos. Também é necessário não perder de vista que as novas dimensões educacionais redefinem currículos e conteúdos a serem desenvolvidos no ambiente escolar e o ensino do empreendedorismo é associado à educação com finalidade de promover no indivíduo novas competências como criatividade e inovação, advindas principalmente, do advento da tecnologia e informação.

Diante dos fatos investigados e analisados, entendemos que as diretrizes legais referenciadas nas discussões aqui apresentadas se consolidam como indicadores que devem ser observados para a reestruturação da proposta pedagógica nos documentos basilares da escola. A EFAP como uma instituição de ensino, de espaço político e de construção de valores culturais tem a responsabilidade de prover o debate sobre o ensino empreendedor, fazer a articulação das políticas educacionais com a construção de identidade educativa com referência pedagógica, como também o de promover de forma contínua e efetiva a atualização nos seus respectivos documentos.

Nos resultados acima analisados, ficou evidente nas questões levantadas que apresentam discordância teórica e legal que balizam os documentos pedagógicos da escola, bem como a própria presença do ensino empreendedor. Isso demonstra a urgência da escola em rever suas diretrizes pedagógicas, pois só assim poderá encontrar elementos que justifiquem ações pedagógicas com base no ensino empreendedor para fundamentar as práticas pedagógicas já desenvolvidas pela EFAP, no entanto, ainda não constituída nos documentos pedagógicos. Lembramos ainda, que para esse momento a EFAP poderá conduzir o trabalho em discussões permeadas pela participação da comunidade escolar, analisando os novos conceitos pedagógicos, tomando conhecimento das novas diretrizes educacionais para consubstanciar os documentos pedagógicos e, se assim for o caso, fundamentar de forma crítica a educação empreendedora como um dos elementos na condução do ensino já que a mesma desenvolve essa linha teórica em suas práticas metodológicas e pedagógicas.

4.2.1 Indicativos da pedagogia empreendedora no plano de curso

Os indicativos aqui descritos tiveram a intenção de promover uma análise mais especificada do plano de curso técnico de nível médio em agropecuária ofertado pela EFAP, pois entendemos que este documento traduz a identidade do perfil de formação do técnico em agropecuária consolidados por meio de conteúdos que estabelecem uma relação direta com as diretrizes do sistema de alternância associado aos princípios da educação profissional que visa o fortalecimento de formação para os jovens do campo.

A análise mostrou que o referido documento atende os aspectos educacionais que devem estruturar a proposta pedagógica curricular do curso. Há conexão dos conteúdos com a formação do técnico no que tange a realidade da comunidade rural. No entanto, cabem algumas considerações a respeito do ensino do empreendedorismo como um dos princípios que fundamentam a prática pedagógica no curso técnico em agropecuária.

No debruçar da pesquisa sobre o plano de curso técnico de nível médio em agropecuária da EFAP, este encontrasse desatualizado quanto as Novas Diretrizes Nacionais para o Ensino Médio e para a Educação Profissional reformuladas no final de 2012. É importante ressaltar para este estudo a importância do papel da instituição escolar na busca

continuada de acompanhar o processo de construção das reformas políticas educacionais que trazem informações legais e refletem a estruturação e condução do ensino no país.

Como já foi mencionado a EFAP tem suas diretrizes educacionais consolidadas proposta da pedagogia da alternância associada ao ensino profissionalizante. Por serem diferenciadas estas diretrizes educacionais refletem um conjunto de instrumentos didáticos pedagógicos específicos da educação do campo que devem compor no plano de curso. Diante destas informações procurou-se observar no referido documento como se estrutura esses instrumentos na formação do aluno e qual sua aproximação com o ensino do empreendedorismo.

Assim, ao fazer o estudo no plano de curso técnico em agropecuária da EFAP, encontramos os seguintes instrumentos didáticos pedagógicos que devem ser desenvolvidos pelos discentes, denominados da seguinte forma: plano de estudo, colocação em comum, visitas e viagens de estudo, visitas as famílias, serões, caderno da realidade e projeto profissional do jovem-PPJ. De acordo com as orientações descritas no plano de curso alguns destes instrumentos caracterizam-se como: pesquisa, intervenção da realidade, comunicação, didáticos e outros servem para avaliar diversas situações dentro e fora da escola.

Estabelecendo uma relação destes instrumentos didáticos com o princípio da pedagogia empreendedora dois dos instrumentos analisados acima apresentam características que se correlacionam com o empreendedorismo educacional descrito abaixo, são eles:

- **Caderno da Realidade:** é o caderno da vida do aluno, onde ele registra suas reflexões acerca de sua realidade. O Caderno da Realidade possibilita ao educando um olhar em retrocesso de sua caminhada no processo formativo da Pedagogia da Alternância. O educando tem nele uma fonte de pesquisa, uma possibilidade de retomar sua construção de anos anteriores e propor novas possibilidades e ampliações. Acompanha o aluno durante todo o período da sua vida escolar numa Escola Família Agrícola, possibilitando a ele sistematizar sua história de vida, retomar questões discutidas em outros momentos e amadurecer intelectualmente, pelo exercício da pesquisa, da reflexão, do registro e da elaboração de síntese.

- **Projeto Profissional do Jovem – PPJ.** Instrumento didático construído pelo jovem durante o período de formação, que lhe dá a possibilidade de melhorar a sua unidade de produção familiar, pois neste deve conter uma proposta real de negócio a ser aplicada e vivenciada pelo aluno. É construído ao longo do período de formação. É o somatório de todas as alternâncias vivenciadas, culminando com a realização de um projeto/plano de negócio com condições favoráveis de aplicabilidade profissional. O projeto, além de requisito para conclusão do curso, é um meio de inserção profissional ou geração de trabalho e renda, podendo ser viabilizado não somente pelo apoio familiar, mas, também por meio de parceiros interessados ou por linhas de financiamento.

Ao trazer esses dois instrumentos para análise constatamos que se assemelham a diretriz metodológica da Pedagogia Empreendedora. O primeiro relaciona-se ao que Dolabela (2003) chama de Sonho Estruturante, que é desenvolvido através do Mapa do Sonho - MS, como um roteiro para auxiliar o aluno na formulação do seu sonho (desejo, vontade, projeto de vida, objetivo existencial, busca do auto realização), bem como na execução que se baseia num planejamento feito pelo aluno – que deve constituir-se no trabalho a ser realizado durante o curso.

O segundo instrumento didático, PPJ, é realizado pelo aluno na conclusão do Curso Técnico em Agropecuária da EFAP e visa o desenvolvimento de um Plano de Negócio constando como requisito de aprovação final do curso. Para Dolabela (2003), na perspectiva da pedagogia empreendedora, este elemento (plano de negócio) aparece como instrumento auxiliar quando direcionado a faixa etária dos alunos de nível médio, pois é quando se supõe que as condições de maturidade para planejar uma empresa ou outro empreendimento surjam pela iniciativa unicamente do aluno.

Esse primeiro dado sobre os instrumentos pedagógicos escritos acima, nos mostra a interligação que há no processo da aprendizagem empreendedora com a formação do técnico em agropecuária, e o porquê de as práticas pedagógicas estarem associadas ao ensino do empreendedorismo que se apresentam em alguns momentos nos conteúdos que compõem a matriz curricular do curso, necessitando de estratégias de ensino para alcançar seu objetivo.

Essas informações nos remetem a entender a parceria que a escola faz com o SEBRAE/AP. Neste caso, o ensino empreendedor vem de certa forma, ao encontro das necessidades educativas do ensino técnico em agropecuária da EFAP, pois o SEBRAE/AP propõe em seus cursos de capacitação de educação empreendedora, desenvolver no estudante a capacidade de analisar e avaliar determinadas situações complexas, assumir uma atitude proativa diante delas, construindo caminhos concretos e tecnicamente embasados com capacidade transformadora, levando a aliar à teoria à prática mais próxima da realidade do aluno.

A compreensão que se propõe aqui sobre a presença de instituições externas como o SEBRAE/AP na EFAP provoca uma reflexão inevitável e urgente que aponta de certa forma para uma reviravolta do papel da instituição e dos educadores escolares, colocando-os como os responsáveis únicos pela condução do trabalho educativo. A reforma do ensino médio e profissional vem provocando mudanças pragmáticas nas escolas, e a presença dessas novas teorias trouxeram implicações e debates sobre a identidade da escola, mesmo que tardiamente, pois suas identidades passaram a ser moldadas por um projeto não construído pelas suas próprias mãos, mas por sujeitos externos.

Para avançar um pouco mais e continuar no aprofundamento da investigação buscou-se averiguar como os projetos pedagógicos se estabelecem dentro da proposta da educação empreendedora desenvolvidas pela EFAP. Para isso, foi perguntado aos discentes se têm conhecimento de atividades pedagógicas (projetos/cursos) voltado à temática empreendedora. Todos os alunos entrevistados citaram o PPJ como um dos instrumentos didático que desenvolvem dentro de um projeto proposto para a construção de um plano de negócio que culmina com etapa de finalização do curso. A esse respeito, coincide com as respostas dos docentes onde todos os entrevistados conseguem identificar princípios do ensino empreendedor no plano de curso, bem como relataram de forma escrita que a EFAP promove cursos/capacitação na linha empreendedora como: palestras, oficinas e cursos. Estas informações coincidem com a presença de instituições externas para compor a formação tanto dos alunos no apoio aos componentes de gestão, como para professores na garantia do desenvolvimento deste processo em sala de aula.

Sobre os dados apresentados acima se constatou que as informações se complementam na resposta da gestora por questionário onde mesma relata que realiza na escola capacitação na temática empreendedora, como forma de habilitar os alunos durante o curso para elaboração do Projeto Profissional Jovem-PPJ. Essa afirmativa também ganha consistência nas respostas dos discentes quando perguntados se participam de seminários, cursos, palestras e oficinas durante sua formação, todos responderam positivamente, relatando ainda de forma

escrita no questionário que estas atividades são desenvolvidas com Órgãos do Governo, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), Instituto de Desenvolvimento Rural do Amapá (RURAP), Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE).

De posse dessas informações e entendendo que o curso ofertado é na modalidade de educação profissional, procuramos analisar a organização da matriz do Plano de Curso Técnico em Agropecuária da EFAP. Alguns dos componentes curriculares analisados dão abertura de complementaridade para situações de aprendizagem que contemplem capacitações tais como: desenvolvimento de projetos, seminários, cursos, palestras, oficinas, isso porque desenvolvem uma estrutura pedagógica de práticas educativas no processo de aprendizagem voltados ao mercado de trabalho. Sobre essa possibilidade no processo de aprendizagem, entendemos que os valores empregados nas relações educação e trabalho no ensino técnico se relacionam e a busca para ampliar essas informações podem ser absorvidas por outras estratégias pedagógicas. No entanto, deve-se ter o cuidado em preservar a intencionalidade educativa no processo de ensino/aprendizagem, para que essas capacitações aplicadas por instituições externas estejam direcionadas ao ato político de se educar e na preservação da formação do educando. Portanto, educação e trabalho são sustentáculos vitais indissociáveis que se completam e promovem o desenvolvimento de uma sociedade (SOUZA *et al.*, 2013). Mas devem ser revistos e analisados sempre que novas teorias se apresentarem como propostas a serem inseridas no processo educacional.

Esse processo se concretiza na construção pedagógica e na organização educacional fundamentada nos documentos basilares da escola. Sobre isso, vamos passar nesta fase para análise específica do plano de curso técnico em agropecuária tendo como referência a matriz curricular constituída por seus respectivos componentes curriculares. Esse estudo, tenta encontrar subsídios pedagógicos na matriz curricular que nos levem à compreensão sobre a vinculação do empreendedorismo educacional nas práticas pedagógicas da EFAP, tendo como parâmetro alguns componentes curriculares e seus conteúdos. Tal ação possibilita analisar, discutir e compreender as parcerias feitas pela EFAP com instituições externas para a execução de cursos/capacitação citados na pesquisa pela Direção, professores, alunos e comunidade externa.

A Tabela 1, a seguir, trata da matriz curricular do curso técnico em agropecuária.

Tabela 1–Matriz Curricular do Curso Técnico em Agropecuária

Período	Componente Curricular	Carga Horária			Total
		Sessão Escolar	Sessão Familiar	Credito	
1º	Matemática Instrumental	36	09	03	45
	Português Instrumental	36	09	03	45
	Agricultura Geral	72	18	06	90
	Zootecnia Geral	72	18	06	90
	Informática Aplicada	72	18	06	90
	Didática da alternância	48	12	04	60
	Atividades Agropecuárias	96	24	08	120
2º	Agricultura específica I	60	15	05	75
	Zootecnia Específica I	72	18	06	90
	Planejamento e Projeto	48	12	04	60
	Agroindústria I	36	09	03	45
	Gestão Rural	48	12	04	60
	Agricultura Específica II	48	12	04	60
	Irrigação e Drenagem	48	12	04	60
Atividades Agropecuárias	96	24	08	120	
3º	Desenho Técnico e Construções Rurais	72	18	06	90
	Agricultura específica III	60	15	05	75
	Zootecnia Específica II	72	18	06	90
	Noções de Legislação Profissional, Ambiental e Agrária	48	12	04	60
	Agroindústria II	36	09	03	45
	Extensão rural	48	12	04	60
	Estágio Supervisionado e Projeto Profissional I	144	26	12	180
4º	Agricultura Específica IV	60	15	05	75
	Agroecologia	36	09	03	45
	Agrofloresta	36	09	03	45
	Topografia I	48	12	04	60
	Zootecnia Específica III	72	18	06	90
	Mecanização Agrícola	48	12	04	60
	Topografia II	48	12	04	60
Estágio Supervisionado e Projeto Profissional II	144	26	12	180	
Total Geral					2.325

Fonte: Plano de curso Técnico em Agropecuária da EFAP (1997).

Constatamos dessa maneira, que os componentes curriculares destacados em negrito conforme descrito no quadro da matriz curricular do curso técnico em agropecuária, além de dialogar sobre conceitos de gestão, planejamento e sua relação com o mundo do trabalho, estes viabilizam a introdução da educação empreendedora na formação dos alunos. A respeito disso foi perguntado para os alunos se eles percebem a contribuição na sua formação pessoal e profissional quando entram em contato com os componentes curriculares de Gestão Rural e Planejamento e Projeto que aborda em seus conteúdos a temática empreendedora.

Em análise das respostas dos discentes, estes apontam em unanimidade que os conhecimentos que recebem dentro dessas componentes curriculares ajudam, tanto na vida

pessoal, quanto na profissional, indicando de certa forma, a satisfação dos discentes em receber formação que contempla conceitos relacionados ao empreendedorismo.

Sobre o posicionamento da gestora da instituição, respondeu ao questionário, de forma escrita, que para ela, o empreendedorismo educacional exerce influência na vida pessoal e profissional dos alunos, pois acredita que o ensino do empreendedorismo possa levá-los a se desenvolver humanamente e tornarem-se “boas pessoas”. Esse fato demonstra que os ensinamentos com base no ensino empreendedor são vistos pela gestora da escola como um ponto positivo na prática do convívio social e na formação desenvolvida pela escola.

Sobre a matriz do curso técnico em agropecuária da EFAP, a gestora da escola apontou que alguns componentes curriculares (Planejamento e Projeto, Gestão Rural) apresentam correlação direta com a visão empreendedora, pois tratam de conteúdos sobre processos produtivos de gestão, que devem ser desenvolvidos na elaboração de projetos. Os respectivos projetos deverão ser desenvolvidos pelos próprios alunos sob a supervisão de seu professor/orientador e aplicá-los na propriedade familiar. Essa atividade prática visa desenvolver nos alunos conhecimentos sobre administração da propriedade rural. Sobre a proximidade deste tipo de atividade de aprendizagem, encontramos base teórica na metodologia da PE, que também estimula no educando aprendizagem visando o desenvolvimento de um projeto de vida e/ou profissional, pois assim conseguem ser responsáveis pelas suas próprias realizações (DOLABELA, 2003). Na opinião da gestora é importante que os componentes Gestão Rural, Planejamento e Projeto façam parte do currículo do curso técnico em agropecuária, eles possibilitam os alunos a desenvolver habilidade/competência sobre gestão, segundo ela: “é importante para que aprendam a administrar seu negócio e acima de tudo sua vida”.

Finalizando as análises dos dados coletados verificou-se por meio de questionário a opinião dos pais e/ou responsáveis, se eles concordam com a inclusão do ensino empreendedor no currículo escolar. Neste caso, todos os pais e/ou responsáveis dos alunos da turma pesquisada, responderam “sim”, que o ensino do empreendedorismo faça parte do currículo escolar da EFAP. Isso demonstra que as experiências sobre o empreendedorismo educacional como parte da proposta pedagógica desenvolvida pela escola trouxeram satisfação quanto à inserção do ensino empreendedor nas práticas pedagógicas desenvolvidas pela escola.

Diante das informações aqui discutidas neste item, fica evidente que a EFAP baseia-se na proposta da Pedagogia da Alternância desenvolvida na modalidade de Educação Profissional consolidada no PPP e plano de curso respectivamente. No entanto, na pesquisa ficou claro que a escola vem adotando a inserção dos ensinamentos propostos pela educação empreendedora, vinculando-se como ponto de apoio em alguns componentes curriculares que viabilizam uma complementação com conceitos empreendedores na formação dos alunos. Essa complementação é feita através de cursos de capacitação realizados por instituições externas como o SEBRAE/AP.

Dessa maneira constata-se que o ensino empreendedor se faz presente nas ações pedagógicas, mas não está na fundamentação dos documentos analisados, como base teórica, e/ou como elemento, que deve constar no projeto de formação da escola. Essa questão também pode estar associada ao fato de que tais documentos se encontram desatualizados quanto as Novas Diretrizes Educacionais para o Ensino Médio e Educação Profissional datadas no final de 2012.

Diante dessa realidade, torna-se um grande desafio para a EFAP, materializar em seus documentos basilares as novas diretrizes que regem o ensino médio e profissional, onde vão refletir na reestruturação do seu PPP e, principalmente plano de curso. Entendemos a urgência desse trabalho para a escola, pois se assim não for, corre o risco de perder sua identidade pedagógica. Identidade essa, que se fundamenta através de sua concepção pedagógica consubstanciada também nas concepções teóricas e legais que efetivam a proposta curricular de toda instituição de ensino. Esses documentos representam a organização pedagógica, a sistematização do conhecimento e a intencionalidade do currículo que conduz a prática pedagógica na sala de aula.

É diante desse desafio que a escola deve partir para um novo momento de análise e reconstrução dos documentos basilares, e com especial atenção ao Plano de curso Técnico em Agropecuária, para que as ações do trabalho pedagógico sejam capazes de articular a teoria com a proposta curricular, a estrutura de organização pedagógica com o perfil de formação do egresso. Assim, também deve buscar informações mais aprofundadas a respeito do empreendedorismo educacional. E a partir dessas informações promoverem ciclos de estudo com todos os agentes envolvidos no processo educacional sobre a temática empreendedora analisando, refletindo debatendo criticamente para se assim for o caso, e acordado por todos, que essa abordagem constitua a política educacional da instituição sendo incluída na base metodológica e filosófica contidas nos documentos pedagógicos que respaldam a proposta curricular da Instituição.

4.3 Competências Empreendedoras na Práxis de Professores e Alunos

Para apresentar as questões centrais que permeiam a prática pedagógica considerando a dimensão empreendedora no cotidiano escolar, as observações descritas a seguir pautam-se nas representações educativas do ensino empreendedor e sua influência nas práxis de docentes e discentes da EFAP.

Para Frigotto (1996) a pedagogia intervém na prática educativa dando-lhe uma orientação de sentido e condições organizativas e metodológicas para sua viabilização, definindo sua intencionalidade. Neste sentido, é possível compreender a importância da condução do trabalho pedagógico tendo como parâmetro os sujeitos envolvidos no processo educativo, pois estes traduzem a visão da prática pedagógica curricular no cotidiano educacional.

Para efeito de análise dos dados, vejamos inicialmente como são desenvolvidas as práticas docentes na percepção da gestora. Foi perguntado se ela identifica entre os docentes uma postura metodológica voltada aos princípios do ensino empreendedor durante as aulas, esta respondeu sim, que identifica. Esse posicionamento expressa uma semelhança as respostas dos docentes quando perguntados se utilizam práticas pedagógicas voltadas ao ensino empreendedor em suas componentes, 100% dos entrevistados responderam fazer uso dessas práticas em sala de aula. Ao considerar tais comparações é possível afirmar que a escola tende a estimular competências empreendedoras na prática pedagógica do professor em sala de aula.

Para compreender as práticas empreendedoras como suporte na ação do docente em sala de aula, também foi perguntado se, além das práticas metodológicas, são estimuladas também nos alunos ideias inovadoras de aprendizagem tendo como base a educação empreendedora. Foi constatado nas respostas de todos os docentes entrevistados que estimulam nos alunos práticas inovadoras tendo como base o ensino empreendedor.

Fazendo referência sobre a atuação do professor, Dolabela (2003, p. 110), afirma que: “O professor, ao experimentar os conceitos e ao evoluir na construção de sua compreensão sobre a Pedagogia Empreendedora, irá desenvolver dinamicamente a sua própria prática didática”. Para compor essa reflexão, encontramos o posicionamento de Frigotto (2011) que chama atenção quanto à postura educativa dos profissionais da educação, onde coloca que os educadores críticos estão desafiados a repensar objetivos e processos pedagógico-didáticos em sua conexão com as relações entre educação e economia, educação e sociedade do conhecimento, para além dos discursos contra o domínio do mercado e da exclusão social.

Entende-se neste caso que novas exigências educacionais pedem novas posturas pedagógicas, pedem um novo professor capaz de entender os processos de mudança e ajustar sua didática as novas realidades da sociedade do conhecimento e do aluno. O novo professor precisaria desenvolver novas competências, mas precisa antes de tudo entender seu papel crítico, repetir novas metodologias não garante consistência pedagógica.

Além da percepção dos docentes avançamos na pesquisa para buscar informações dos discentes sobre o que mais chamou a atenção na prática pedagógica desenvolvida pelos docentes nos componentes de Gestão Rural e Planejamento e Projeto. Especificamente nesta questão, foram identificados nas respostas multiplicidade de escolhas quanto a opções “metodologia” e “conteúdo”. Concluímos então, que a metodologia empreendedora desenvolvida nos componentes curriculares que versam sobre a temática desperta maior atenção dos alunos e por consequência maior interesse no conhecimento, conforme descrito na Tabela 2.

Tabela 2 – Fatores que despertam maior interesse nas componentes curriculares

SITUAÇÃO	QUANTIDADE
Metodologia	21
Conteúdo	18
Outros	0

Fonte: Dados da pesquisa (2014).

Para apresentar as questões relacionadas à práxis docente desenvolvida nos componentes curriculares referenciados acima no cotidiano de sala de aula, foi perguntado aos discentes se a metodologia utilizada auxilia no cotidiano escolar. Em resposta todos os entrevistados disseram que sim.

Considera-se que este resultado está relacionado com a associação que os discentes fazem entre os conhecimentos adquiridos e as atividades práticas que desenvolvem diariamente na própria escola (sala de aula e laboratórios) e ainda, no momento em questão na propriedade familiar desenvolvendo seus projetos/atividades práticas.

Para entender melhor a percepção que os discentes têm sobre empreendedorismo é importante trazer para análise alguns elementos centrais no que concerne à relação que este estabelece com a educação. Tomando por base que o ensino do empreendedorismo se faz presente nas práticas pedagógicas e mais significativamente em alguns componentes curriculares do curso técnico em agropecuária, conforme já constatado nos estudos em análise, bem como no cotidiano escolar da EFAP, foi perguntado aos discentes e docentes sobre características empreendedoras mais reconhecidas. Foram obtidos os indicadores expressos nas Figuras 7 e 8.

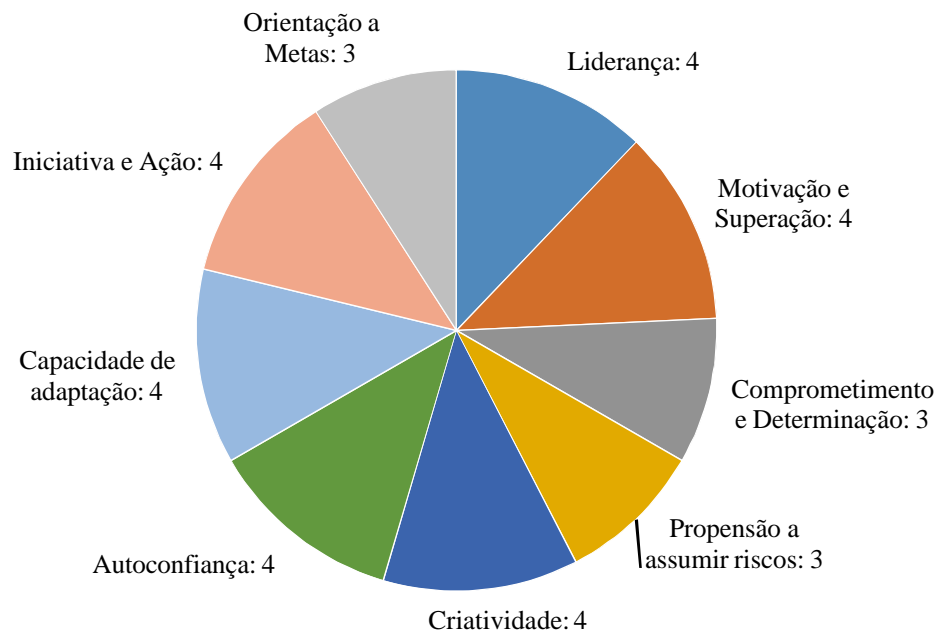


Figura 7 – Características empreendedoras mais conhecidas e/ou aplicadas pelos docentes durante os componentes curriculares

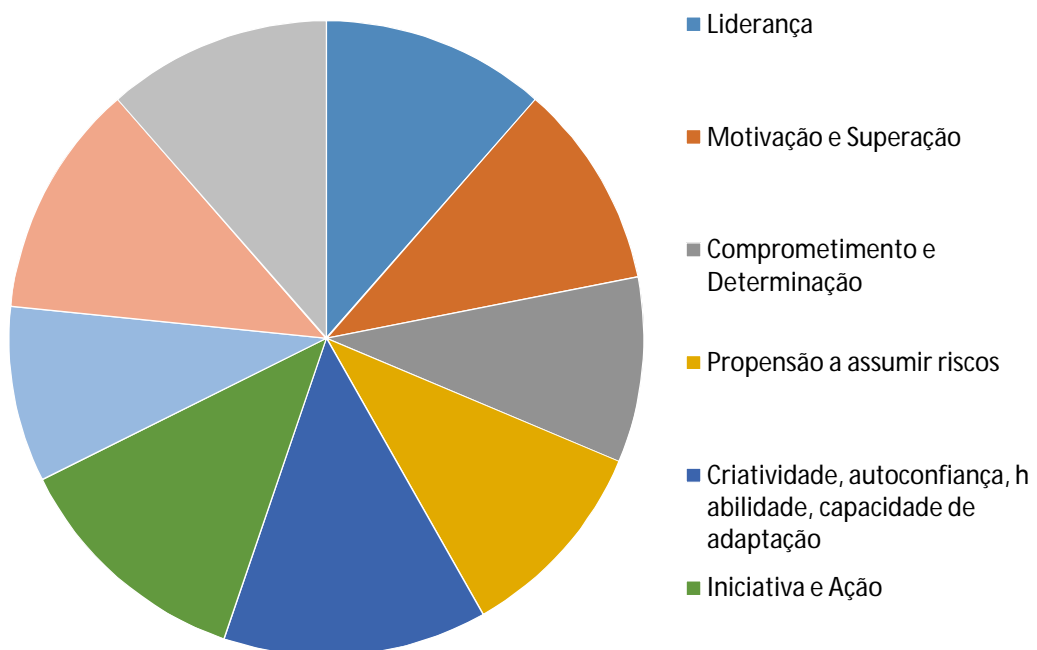


Figura 8 – Características empreendedoras mais identificadas pelos discentes durante os componentes curriculares

Analisando estes resultados, pode-se observar que diante das características empreendedoras assinaladas tanto na perspectiva do docente que conhece e/ou aplica em sua práxis pedagógica de sala de aula, tanto quanto na visão do discente que identifica esses elementos durante as aulas dos componentes curriculares que trabalham a temática empreendedora, ressalta-se uma visão clara dos entrevistados quanto ao reconhecimento e identificação dos elementos que caracterizam o conceito de empreendedorismo. Isto pode ser constatado quando ao analisar o contexto educacional da EFAP, percebe-se que a escola faz um trabalho voltado para a linha do ensino empreendedor e que isso influencia professores e alunos em reconhecer tais elementos. Tal fato demonstra que a inserção dos princípios do ensino empreendedor desenvolvido pela proposta pedagógica da escola possibilita aos sujeitos envolvidos no processo educativo o contato com princípios empreendedores, tanto quanto o reconhecimento de elementos que permeiam a base teórica do empreendedorismo.

Após a análise das informações a realidade mostra que a relação teoria e prática no que concerne ao ensino do empreendedorismo no curso técnico em agropecuária, tanto os docentes como os discentes protagonizam a experiência pedagógica levando-os a desenvolver certas competências empreendedoras. Neste sentido, trazemos a contribuição de Fischler (*et al*, 2008), que aponta o protagonismo dos agentes envolvidos no processo educativo como fundamental, é o que mais real existe na escola, pois mostra esse envolvimento como construção e condução do processo por parte daqueles que vivenciam

Dessa forma, a escola ao desenvolver uma organização pedagógica que inclui novas propostas educacionais que neste caso, são entendidas pela gestora, como necessárias a formação dos futuros técnicos em agropecuária formados na EFAP, promove na comunidade escolar o entendimento de que o ensino do empreendedorismo viabiliza a construir competências necessárias onde o jovem precisa ser formado com uma nova mentalidade para atender e se adequar às mudanças do mundo atual, através da produção de conhecimento dinâmico, realizado através de um diálogo que permita ao educando a apropriação de novos conceitos, entre eles o ensino do empreendedorismo.

Observamos que esse conceito é bem compreendido pela diretora da escola, pois ao se aplicar a mesma pergunta em questionário quanto às características empreendedoras que a mesma conhece e/ou aplica na sua atuação profissional esta assinala todos os itens identificados no questionário, isso demonstra o engajamento da gestão em aderir à abordagem empreendedora na prática educativa desenvolvida pela EFAP.

Essa constatação introduz a ideia de que a prática pedagógica desenvolvida na EFAP com bases no ensino empreendedor remete para a escola a importância do uso de metodologias e estratégias de ensino que incorporem essa área de conhecimento na formação dos alunos e na formação continuada dos professores. Essa análise nos possibilita a entender que a prática pedagógica se sustenta em uma determinada área de saber, sobre isso, Vale (2000, p. 18), afirma que “Toda prática pedagógica está apoiada em uma concepção metodológica que, por sua vez, coloca em prática uma determinada teoria do conhecimento.”

No entanto, entendemos que é preciso traduzir objetivos em metas e práticas mais claras na condução do processo educativo desenvolvido no processo de ensino aprendizagem. Sobre este fato a EFAP ainda precisa promover o debate e estudo se quiser de maneira crítica conceber e entender qual a relação do ensino empreendedor nas ações pedagógicas que direcionam a prática educativa da escola. Não basta apenas conceber novas teorias, não basta apenas aderir a elas achando que precisamos incluir nossos alunos no novo tempo, é preciso intervir no processo educacional na luta pela justiça de uma educação de qualidade mediante o fortalecimento do seu papel social.

Diante deste quadro desenvolvido neste item e a partir do tratamento dos dados e observações realizadas mediante as análises feitas fechamos tendo a certeza que o ensino do empreendedorismo aparece práxis pedagógica da escola possibilitando o desenvolvimento de competências empreendedoras nos docentes e discentes. Isso ajuda a compreender a percepção dos docentes e discentes quanto a aceitação do ensino empreendedor como parte integrante do processo educativo. No entanto, foi observado que o discurso da educação empreendedora na EFAP ainda perpassa pelo campo da inexperiência, mesmo que já exercida diretamente no processo educativo.

É fato que o desenvolvimento do ensino do empreendedorismo é uma realidade na proposta educativa da EFAP, muito mais pela ação de instituições externas como o SEBRAE/AP que possui uma diretriz nacional para a aplicação da educação empreendedora nas escolas, do que fundamentado nos documentos basilares que regem as ações pedagógicas da escola, pois suas referências teóricas e filosóficas retratam sua identidade educacional. Contudo, e apesar de ainda não ser parte constituinte dos documentos pedagógicos da escola é reconhecido por docentes e discentes e comunidade escolar como fator positivo de conhecimento na formação dos futuros Técnicos em Agropecuária da EFAP.

Do ponto de vista ético e político, a padronização de políticas educativas sobre o ensino empreendedor vai se consolidando sem nenhum debate crítico por parte de quem deveria estar na frente desse trabalho, enfraquecendo de certa forma a identidade da escola. Há uma necessidade emergencial percebida nesta pesquisa quanto às novas competências dos professores e alunos nesse processo de mudança conceitual que relaciona a educação. Do ponto de vista do sistema de ensino a EFAP, como o responsável em promover a qualidade da oferta da educação do campo, precisa direcionar seus instrumentos conceituais e de estrutura organizacional mediante a condução pedagógica que alcance professores e alunos quanto ao seu papel social e político, e nisto não basta apenas desenvolver competências empreendedoras, é muito mais, consiste na ajuda consciente da mediação pedagógica adotada pela escola.

5 CONCLUSÕES

A pesquisa proposta neste trabalho sobre o empreendedorismo educacional possibilitou entender o impacto das transformações advindas da sociedade do conhecimento, o qual engendrou novas exigências educacionais. É verdade que a escola precisa ser repensada. O novo tempo está ordenando uma releitura das teorias educacionais e uma revisão das práticas pedagógicas, fato esse estabelecido pela presença de um novo paradigma. Nesse contexto, a escola se torna um espaço decisivo para formar o novo cidadão que responda a nova reestruturação da sociedade contemporânea. Nisso tudo, um fato fica claro: a escola não detém sozinho privilégio exclusivo do saber. O conhecimento transpõe as barreiras da escola e se dá por meio de várias agências e de variadas formas de condução do ensino. No entanto, ela deve estar no direcionamento do trabalho educacional.

Diante dessa perspectiva, a pesquisa aponta que o respaldo teórico/político para os novos direcionamentos para o ensino, encontra-se na proposta da educação para século XXI, postulada pelos Quatro Pilares da educação, que direcionam as bases das reformas educacionais concebidas sobre o discurso das modificações do conhecimento no mundo atual, consolidado pelas intensas transformações científicas e tecnológicas. Especificamente sobre esse último item que remete a leitura sobre as novas tecnologias da informação e da comunicação, a qual requer mais do que nunca, uma formação que desenvolva habilidades cognitivas e comunicativas, flexibilidade de raciocínio, inovação e criatividade, foi incluído o quinto pilar “Aprender a Empreender”, visando responder a essa formação que estabelece a conexão teórica com a educação para o desenvolvimento do ser humano em todas as suas dimensões e que o façam ir além do alcance dos próprios conhecimentos concebidos.

Entretanto, é preciso mais, necessitamos pensar em uma nova formação no processo de educação do cidadão do mundo moderno, implicando neste caso, o desenvolvimento de competências e habilidades que possam traduzir uma nova postura ético-valorativa no processo educacional, entre essas competências está o pensamento autônomo, criativo, capacidade de pensar cientificamente propondo soluções a situações complexas, maior competência reflexiva com interação crítica e capacidade de dialogar com o mundo.

Essa complexidade formativa se estabelece como um dos fatores principais para entender a introdução da educação empreendedora como um dos elementos que vem tomando espaço nas escolas como condução do processo educativo. Fato esse, que motivou a pesquisa ora apresentada e que traz questões como o quão é importante e crucial trazer para análise e debate um assunto que gera tanta polêmica quanto sua real intencionalidade pedagógica. Esse questionamento deve ser considerado já que a escola ainda tem o papel insubstituível quando se trata de preparação das novas gerações para se posicionarem nos desafios impostos pela sociedade contemporânea, e, para não perder sua identidade, a escola precisa estar à frente desse debate.

Nesse entendimento, a pesquisa apurou algumas questões que refletem a conjuntura atual da escola influenciada pelas ‘novas propostas pedagógicas’, que no caso da pesquisa ora finalizada, é a educação empreendedora numa Escola Família Agrícola. Na consolidação dos resultados observa-se que em sua estrutura pedagógica a escola oferta educação profissional aliada à educação do campo com duas bases de orientação pedagógica: educação e trabalho. São esses aspectos que indicam o motivo pela aceitação da escola em desenvolver o empreendedorismo educacional, pois suas diretrizes pedagógicas dialogam com o ensino empreendedor, bem como mantêm estreita relação em alguns componentes curriculares que trazem conteúdos que se correlacionam com a temática, sendo trabalhado de forma

complementar por meio de cursos de capacitação, metodologias alternativas e atividades práticas específicas voltadas ao curso técnico de nível médio em agropecuária. Esses aspectos evidenciaram o motivo da gestão em incentivar o empreendedorismo educacional na formação dos alunos, como complementaridade no ensino para agregar novas informações para o desenvolvimento de novas competências que ajudará os mesmos, tanto em sua formação pessoal, quanto profissional.

Considerando as informações acima exposta, o ensino empreendedor parece indicar para a escola uma combinação de estratégias educativas para garantir competências empreendedoras na formação dos alunos. No entanto, constatamos que na prática a escola não está diretamente na condução dessa formação, ela estabelece parcerias com instituições externas para receber capacitação sobre empreendedorismo educacional, tendo como principal agente desse processo o SEBRAE/AP.

Esse fato nos faz concluir a falta de conhecimento aprofundado sobre a proposta metodológica da educação empreendedora pela instituição de ensino. Nesse caso, a escola corre o risco de transmitir um conhecimento que se vincula apenas a uma concepção de formação para o mercado. Entende-se que a condução da educação deve estar sob o direcionamento da escola que precisa mediar esse processo adquirindo conhecimento sobre a proposta pedagógica do ensino empreendedor e concebê-la numa perspectiva do ensino/aprendizagem crítico e que se construa dentro da escola, mesmo que para isso tenha que estabelecer parceria educacional.

De forma mais conclusiva a pesquisa apresenta três aspectos relevantes que devem ser considerados, são eles: o primeiro diz respeito à concordância da escola em promover o ensino empreendedor na formação dos alunos do curso técnico em agropecuária, o segundo ponto traz a aceitação da comunidade escolar, como um todo, em aceitar a proposta do ensino empreendedor, entendendo como importante nas ações pedagógicas, seja na complementação para alguns componentes curriculares, seja na metodologia desenvolvida em sala de aula pelos professores, ou mesmo através de capacitação/cursos realizados pelas instituições externas.

O último ponto traz talvez a observância mais importante constatada na pesquisa, apesar da EFAP promover o ensino do empreendedorismo nas ações pedagógicas, não foi encontrado referências teóricas/conceituais na linha da educação empreendedora nas análises dos documentos pedagógicos, bem como os mesmos encontram-se desatualizados nas legislações que regem as Novas Diretrizes Educacionais do Ensino Médio e Educação Profissional, levando-nos a concluir que há desarticulação entre teoria e prática na condução da proposta pedagógica empreendedora.

Em virtude de todos os fatos analisados e discutidos, os resultados apontam na pesquisa questões emergenciais que devem ser consideradas pela instituição, dentre elas o diálogo e o debate sobre o empreendedorismo educacional como um viés pedagógico do ensino, que poderá ser consolidado na proposta documental da EFAP. Este trabalho poderá ser iniciado partindo da revisão dos documentos pedagógicos para adequá-los as Novas Diretrizes Educacionais compostas pelas Resoluções CNE/CEB Nº. 02/2012 e CNE/CEB Nº. 06/2012.

Certamente, em contato com essas Resoluções os agentes educacionais irão se deparar com alguns direcionamentos sobre ensino empreendedor tratado na forma da legislação nacional, pois se considera imprescindível o aprofundamento das discussões sobre a temática pelos membros que compõem a condução educacional da instituição. Assim, a escola de posse dessas informações poderá conduzir trabalho de pesquisa e de estudos com o intuito principal

de construir bases epistemológicas para a elaboração de uma proposta educativa que represente a filosofia educacional consolidados em seus documentos pedagógicos.

Assumindo esse trabalho, a escola ganha base na condução do ensino, em vez de perder. E para que? Trata-se de conceber a escola como um espaço de diálogo e comunicação com seus atores. A escola tem, pois, o compromisso de reduzir a distância entre a escolarização e o mundo do trabalho para o jovem do campo, e garantir no processo educativo do sujeito uma formação de totalidade do ser humano, nas suas dimensões: cognitiva, física e afetiva e não apenas econômica. Junto a isso, tem também o compromisso em desenvolver condições para que seus alunos se tornem sujeitos pensantes, tendo apropriação crítica da realidade.

Por isso tudo, deixa-se ao final da pesquisa a inquietação sobre a temática empreendedora associada à educação. Entendendo que o debate é primordial para o aprofundamento teórico do ensino empreendedor como um elemento pedagógico. As discussões apresentadas neste trabalho apresentam-se apenas como uma pesquisa que vem cooperar nesse debate, posto que, ainda carece de mais discussão por se tratar de um tema recente na educação brasileira. Por fim, o debate apenas se inicia.

REFERÊNCIAS

- ACÚRCIO, M. R. B. (Coord.). **O empreendedorismo na escola**. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- ARANHA, M. L. A. **História da educação**. São Paulo: Moderna, 1989.
- BEHRENS, M. A. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. Curitiba. 3. ed. Curitiba: Champagnat, 2003.
- BRANDÃO, C. R. **O que é educação?** 22. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- ABÁDIA, M. **Educação, sociedade e trabalho: abordagem sociológica da educação**. Brasília: Universidade de Brasília, Centro de Educação a Distância, 2012.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CEB Nº. 2/2012, de 02 de janeiro de 2012. Brasília, DF, 2012a. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em: 23 set. 2015
- _____. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CEB Nº. 6/2012, de 20 de setembro de 2012. Brasília, DF, 2012b. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em: 23 set. 2015
- _____. Parecer CNE/CEB Nº. 11/2012, de 09 de maio de 2012. Brasília, DF, 2012b. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em: 23 set. 2015.
- _____. MEC, LDB. **Lei nº. 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, ano 134, n. 248, p. 27.833-27.841, 23 dez. 1996.
- CIAVATTA, M.; RAMOS, M. **Ensino médio e educação profissional no Brasil, dualidade e fragmentação**. *Revista Retratos da Escola*, Brasília, v. 5, n. 8, p. 27-41, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://www.esforce.org.br>>. Acesso em: 18 ago. 2015.
- CIAVATTA, M. **Arquivos da memória do trabalho e da educação e a formação integrada**. Projeto “Memória e temporalidades da formação do cidadão produtivo emancipado – Do ensino médio técnico à educação integrada profissional e tecnológica”, 2011. (CNPq e FAPERJ). Disponível em: <http://www.sbhe.org.br>. Acesso em: 18 ago. 2015.
- CIAVATTA, M. **A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade**. In: FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise (Orgs.). *Ensino médio integrado: concepção e contradições*. São Paulo: Cortez, 2005.
- _____. **A cultura do trabalho do trabalho e a educação plena negada**. 2011 Disponível em: <<http://www.revistalabor.ufc.br/>>. Acesso em: 5 fev. 2015.
- DENZIN, N. K. Triangulation in educational research. In: KEEVES, J. P. (Ed.). **Educational research, methodology and measurement: an international handbook**. Oxford: Pergamon, 1997. p. 318-322.
- _____; K.; LINCOLN, Y. **The Sage handbook of qualitative research**. Thousand Oaks: Sage Publications, 2000.

DELORS, J. (Org). **Os Quatro Pilares da Educação**. In: Educação Um Tesouro a Descobrir: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC: UNESCO, 1998.

DE OLIVEIRA, R. (org.). **Jovens, ensino médio e educação profissional: políticas públicas em debate**. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

DOLABELA, F. **Atividades e Experiências**. Revista eletrônica, 2008b.

_____. **Oficina do Empreendedor**. Rio de Janeiro: Sextante, 2008a.

_____. **Pedagogia Empreendedora**. São Paulo: Editora de Cultura. 2003.

_____; FILION, L. J. Fazendo revolução no Brasil : a introdução da pedagogia empreendedora nos estágios iniciais da educação. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v.3, n.2, 2013.

FREITAG, B. **Escola, estado e sociedade**. 4.ed.rev. São Paulo: Moraes, 1980.

FRIGOTTO, G. **Educação e a crise do capitalismo real**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M. **Ensino médio: ciência, cultura e trabalho**. Secretária de Educação Média e Tecnológica. Brasília: MEC, SEMTEC, 2004.

_____. **A formação do cidadão produtivo: a cultura de mercado no ensino médio técnico**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP, 2006.

GÓMEZ, Á. I. P. **Competências ou pensamento prático?** A construção dos significados de representação e de ação. In.: SACRISTÁN, J. G. **Educar por competências: o que há de novo?** Porto Alegre: Artmed, 2011

GUERRA, M.J.; GRAZZIOTIN, Z.J.. **Educação empreendedora nas universidades brasileiras**. In: LOPES, R.M. A. (Orgs.). **Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas**. Cap. 4. Rio de Janeiro: Elsevier; São Paulo: Sebrae, 2010.

GOMES, P. **Conheça as competências para o século 21**. 2012. Disponível em: <<http://porvir.org/porpensar/conheca-competencias-para-seculo-21/20120814>>. Acesso em: 22 mar. 2014.

IMBERNÓN, F. (Coord.). **La investigación educativa como herramienta de formación del profesorado**. Barcelona: Graó, 2002.

KÜLLER, J. A.; RODRIGO, N. F. **Metodologia de desenvolvimento de competências**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2013.

LEITE, E. **O fenômeno do empreendedorismo**. São Paulo: Saraiva, 2012.

LOPES, R. M. A. (org.). **Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas**. Rio de Janeiro: Elsevier; São Paulo: Sebrae, 2010.

LEVIERI, C. **Educação... empreendedora?** In: LOPES, R.M. A. (Org.). Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas. Cap. 4. Rio de Janeiro: Elsevier; São Paulo: Sebrae, 2010.

LIBÂNEO, J. C. **Adeus professor, adeus professora?:** novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo: Cortez, 2010.

MILL, D. (org.). **Escritos sobre educação:** desafios e possibilidades para ensinar e aprender com as tecnologias emergentes. São Paulo: Paulus, 2013.

MORAES, M. C. **O paradigma educacional emergente.** 16. Ed. Campinas, SP: Papirus, 2012. (Coleção Práxis)

MORETTO, V. P. Educar para um novo tempo. Disponível em: <http://www.editoraopet.com.br/?post_type=noticia-educacional&p=508>; Acesso em: 5 nov. 2015.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SABINO, G. T. **Empreendedorismo:** reflexões críticas sobre o conceito no Brasil. Disponível em: <<http://www.estudostrabalho.org/anais-vii-7seminário-trabalho-ret-2010> >; Acesso em: 19 jul. 2015.

SACRISTÁN, J. G. *et al.* Tradução: Carlos Henrique Lucas Lima. **Educação por competências:** o que há de novo?. Porto Alegre: Artmed, 2011.

SACRISTÁN, J. G. **O currículo:** uma reflexão sobre a prática. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SILVA; LUNARDI. **Educação e cidadania:** disciplina na modalidade a distância. In:

SILVA, M. G. 2.ed.rev. e atual. Palhoça: Unisul Virtual, 2006.

SAVIANE, D. **Da nova LDB ao novo plano nacional de educação:** por uma outra política educacional. – Campinas, SP: Autores Associados, 1998.

STUCHI, J. F. *et al.* **Sementes da educação do campo:** frutos do III seminário das Escolas Famílias do Amapá. Brasília, DF: Embrapa, 2013.

TORRES, M. Z. **Situações-problema como recurso de avaliação de competências no Enem.** In Eixos Cognitivos do Enem. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Educacionais Teixeira – INEP. 2007.

REVISTA PRELAC. Santiago. UNESCO. Ano 1. Nº 0. Ago. 2004.

VALE, M. J. **Concepção sócio-progressista de educação.** São Paulo: Ática, 17. ed, 2000

YIN, R. K. **Case study research:** design and methods. Newbury: Park Sage, 1998.

APÊNDICES

APÊNDICEA – Questionário Aplicado aos Docentes



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO - UFRRJ
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA
MESTRANDA: DARLENE DO SOCORRO DEL-TETTO MINERVINO

Caros docentes,

Este questionário tem por objetivo conhecer a percepção dos docentes do Curso Técnico de Nível Médio em Agropecuária, na forma Integrada sobre o “Empreendedorismo e Educação” na formação profissional e pessoal dos mesmos. Ressalta-se que as informações ora fornecidas receberão devido sigilo do informante e integridade no uso das informações.

Na certeza de contar com a sua preciosa colaboração, antecipo os agradecimentos.

Questionário

1. IDENTIFICAÇÃO

NOME: _____

IDADE: _____

SEXO: M () F ()

GRAU DE INSTRUÇÃO:

SUPERIOR () QUAL? _____

PÓS-GRADUAÇÃO: ESPECIALIZAÇÃO () MESTRADO () DOUTORADO ()

QUAL? _____

COMPONENTE EM QUE ATUA NO CURSO TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA:

2. SOBRE A CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA.

2.1. Qual a sua concepção sobre pedagogia empreendedora?

2.2 Você identificar princípios da pedagogia empreendedora no curso técnico integrado em agropecuária do EFAP?

() Sim () Não

Quais? _____

2.3 Você acredita que os princípios da pedagogia empreendedora tem influência na vida pessoal e profissional dos alunos?

() Sim () Não

De que forma?

2.4 Você já utilizou alguma prática pedagógica voltada para a educação empreendedora no seu componente curricular?

() Sim () Não

Qual? _____

2.5 Você tem conhecimentos de palestras, seminários, cursos e/ou oficinas realizados no EFAP, na linha da temática empreendedora?

() Sim () Não

Quais? _____

2.6 Das características empreendedoras abaixo assinale aquelas que você conhece e/ou aplica em sala de aula?

() Liderança

() Motivação e superação

() Comprometimento e determinação

() Propensão de assumir riscos

() Criatividade, autoconfiança, habilidade, capacidade de adaptação

() Autonomia, autogestão, Iniciativa e ação

() Orientação a metas

() crescimento e investimento na formação pessoal

() Inovação e pesquisa

3.SOBRE A METODOLOGIA COM BASE NO ENSINO EMPREENDEDOR.

3.1 Em suas aulas você estimula em seus alunos idéias inovadoras de aprendizagem que tem como base princípios da educação empreendedora?

() SIM () NÃO

Quais? _____

3.2 É possível ensinar alguém a ser empreendedor e/ou empreender em sua vida para alcançar metas pessoais e profissionais?

() SIM () NÃO

Justifique _____

3.3 Você aborda o tema em suas aulas ?

() SIM () NÃO

De que forma (métodos/técnicas/recursos didáticos)?

3.4 Que diferenças existem dos métodos/técnicas/recursos que você utiliza para os outros métodos de ensino?

3.5 Você concorda que a componente “Gestão rural, planejamento e projeto” faça parte do currículo do curso técnico em agropecuária? Qual a importância de desenvolver esta habilidade/competência nos alunos?

SIM NÃO

Se sim, responda à segunda pergunta

3.6 Você já participou de alguns encontros de formação com a equipe de gestão do curso sobre a temática de educação empreendedora?

sim não

Com que frequência?

3.7 Você conhece ou desenvolve algum projeto no EFAP que motiva o empreendedorismo educacional nos alunos?

SIM NÃO

Se sim qual

3.8 Caso não conheça ou desenvolva algum projeto que motiva o empreendedorismo educacional nos alunos, você participaria de algum projeto e/ou curso relacionado a educação empreendedora?

SIM NÃO

Em caso positivo, descreva abaixo quais seriam as contribuições mais significativas para seu conhecimento:

Obrigado!

APÊNDICE B – Questionário Aplicado a Gestora



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO - UFRRJ
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA
MESTRANDA: DARLENE DO SOCORRO DEL-TETTO MINERVINO

Caros Gestores,

Este questionário tem por objetivo conhecer a percepção dos gestores da escola (diretor, coordenador e pedagogo) em relação ao Curso Técnico de Nível Médio em Agropecuária, na forma Integrada sobre o “Empreendedorismo e Educação” na formação profissional e pessoal dos mesmos. Ressalta-se que as informações ora fornecidas receberão devido sigilo do informante e integridade no uso das informações.

Na certeza de contar com a sua preciosa colaboração, antecipo os agradecimentos.

Questionário

1. IDENTIFICAÇÃO

NOME: _____

IDADE: _____

SEXO: M () F ()

GRAU DE ESCOLARIDADE:

ENSINO FUNDAMENTAL () ENSINO MÉDIO () GRADUAÇÃO ()

QUAL? _____

CARGO QUE OCUPA NO EFAP

2. SOBRE A CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA.

2.1. Qual a sua concepção sobre pedagogia empreendedora?

2.2 Você identificar princípios da pedagogia empreendedora no curso técnico integrado em agropecuária do EFAP?

() Sim () Não

Quais? _____

2.3 Você acredita que os princípios da pedagogia empreendedora tem influência na vida pessoal e profissional dos alunos?

() Sim () Não

De que forma?

2.5 Você percebe uma linha da temática empreendedora nas programações realizadas na escola EFAP, tais como: palestras, seminários, oficinas e/ou cursos entre outras atividades?

() Sim () Não

Quais?

Você incentiva/promove encontro de formação que discuta a educação empreendedora no curso técnico de agropecuária?

() Sim Não ()

Com que frequência? _____

2.6 Das características empreendedoras abaixo assinale aquelas que você conhece e/ou aplica em sua função de gestor?

() Liderança

() Motivação e superação

() Comprometimento e determinação

() Propensão de assumir riscos

() Criatividade, autoconfiança, habilidade, capacidade de adaptação

() Autonomia, autogestão, Iniciativa e ação

() Orientação a metas

() crescimento e investimento na formação pessoal

() Inovação e pesquisa

3.SOBRE O ENSINO EMPREENDEDOR.

3.1 Em eventos, projetos e, entre outras atividades que fazem parte da programação escolar são estimulados nos alunos ideias inovadoras de aprendizagem, embasados em princípios da educação empreendedora?

() SIM () NÃO

Quais?

3.2 É possível ensinar alguém a ser empreendedor e/ou empreender em sua vida para alcançar metas pessoais e profissionais?

() SIM () NÃO

De que forma?

3.3 Você identifica entre os professores uma postura metodológica/ensino voltada aos princípios do ensino empreendedor nas aulas?

() SIM () NÃO

Se sim, de que forma? (métodos/técnicas/recursos didáticos)

3.4 Você concorda que a componente Gestão rural, planejamento e projeto faça parte do currículo do curso técnico em agropecuária? Qual a importância de desenvolver esta habilidade/competência nos alunos?

SIM NÃO

Se sim, responda à segunda pergunta

3.5 O Conselho gestor incentiva/promove algum projeto que o EFAP desenvolve que motiva o empreendedorismo educacional nos alunos?

SIM NÃO

Se sim descreva o projeto

3.6 Você já realizou e/ou participou de algum projeto/capacitação/oficina relacionado a educação empreendedora?

SIM NÃO

Qual?

Na sua opinião quais são as contribuições mais significativas para o desenvolvimento do curso quando incentiva/promove o ensino relacionado a educação empreendedora?

Obrigado!

APÊNDICE C – Questionário aplicado aos pais e/ou responsáveis



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO - UFRRJ
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA
MESTRANDA: DARLENE DO SOCORRO DEL-TETTO MINERVINO

Caros pais e/ou responsáveis,

Este questionário tem por objetivo conhecer a percepção dos pais e/ou responsáveis dos alunos ingressos do Curso Técnico de Nível Médio em Agropecuária, na forma Integrada sobre o “Empreendedorismo e Educação” na formação profissional e pessoal dos mesmos. Ressalta-se que as informações ora fornecidas receberão devido sigilo do informante e integridade no uso das informações.

Na certeza de contar com a sua preciosa colaboração, antecipo os agradecimentos.

Questionário

1. IDENTIFICAÇÃO

NOME: _____ IDADE: _____

SEXO: M() F()

GRAU DE INSTRUÇÃO:

FUNDAMENTAL () MÉDIO() SUPERIOR()

2. SOBRE INGRESSO NO CURSO

2.1. Você influenciou na escolha do ingresso do seu filho no EFAP e especificamente no curso técnico em agropecuária?

() SIM () NÃO

2.2 Você acha que o ensino técnico integrado em agropecuária ajuda na formação pessoal profissional de seu filho?

() SIM () NÃO

2.3 Você acredita que os princípios da pedagogia empreendedora tem influência na vida pessoal e profissional dos alunos?

() Sim () Não

2.4 Você concorda que o ensino de empreendedorismo deve fazer parte do currículo escolar do curso técnico em agropecuária?

() SIM () NÃO

2.4 O fato de seu filho ter em sua formação uma educação voltada para princípios empreendedores fez com que você notasse uma motivação e autoconfiança diante dos fatos cotidianos que não era antes percebido?

() SIM () NÃO

2.6 Você tem conhecimentos de palestras, seminários, cursos e/ou oficinas realizados no EFAP, na linha da temática empreendedora?

Sim Não

3. SOBRE A VISÃO EMPREENDEDORA:

3.1 Você conhece o significado do termo “Empreendedorismo”?

SIM NÃO

3.2 Das características empreendedoras abaixo assinale aquelas que você conhece ou ouviu falar?

Liderança Motivação e superação

Comprometimento e determinação Propensão de assumir riscos

Criatividade, autoconfiança, habilidade, capacidade de adaptação

Iniciativa e ação

Orientação a metas

Investimento e crescimento pessoal

Inovação

3.3 Você conhece algum projeto e/ou curso que o EFAP desenvolve que motiva o empreendedorismo educacional de seu filho?

SIM NÃO

3.4 Em caso de sim, o seu filho participou de algum projeto e/ou curso relacionado com educação empreendedora?

SIM NÃO

3.5 Você participaria de algum projeto e/ou curso relacionado a educação empreendedora?

SIM NÃO

3.6 Em caso positivo, descreva abaixo quais seriam às contribuições mais significativas para seu conhecimento:

Obrigado!

APÊNDICE D – Questionário aplicado aos discentes



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO - UFRRJ
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA
MESTRANDA: DARLENE DO SOCORRO DEL-TETTO MINERVINO

Caros educandos,

Este questionário tem por objetivo conhecer a percepção dos alunos ingressos do Curso Técnico de Nível Médio em agropecuária, na forma Integrada sobre o “Empreendedorismo e Educação” na formação profissional e pessoal. Ressalta-se que as informações ora fornecidas receberão devido sigilo do informante e integridade no uso das informações.

Na certeza de contar com a sua preciosa colaboração, antecipo os agradecimentos.

Questionário

1. IDENTIFICAÇÃO

NOME DO ALUNO(A): _____

IDADE: _____

SEXO: M() F() SÉRIE: _____

2. COMPONENTE CURRICULAR: GESTÃO RURAL, PLANEJAMENTO E PROJETO

2.1. O conteúdo do componente curricular “Gestão rural, Planejamento e projeto” tem lhe ajudado em sua vida pessoal?

() Sim () Não

Como?

2.2. O conteúdo do componente curricular “Gestão Rural, Planejamento e Projeto” tem lhe ajudado em sua vida profissional?

() Sim () Não

Como?

2.3. A metodologia utilizada nas aulas tem lhe auxiliado no seu dia-a-dia?

() Sim () Não

Como?

2.4 O fato de ter participado do componente curricular fez com que você notasse um comportamento empreendedor que não era antes percebido?

() SIM () NÃO

Como?

2.5. O que mais lhe interessou no componente curricular?

Metodologia (forma de ensinar)

Conteúdo

Outros:

3 SOBRE A VISÃO EMPREENDEDORA:

3.1 Você conhece o significado do termo “Empreendedorismo”?

SIM NÃO

O que esse termo significa para você?

3.2 Você tem conhecimentos de palestras, seminários, cursos e/ou oficinas realizados no EFAP, na linha da temática empreendedora?

Sim Não

Quais?

3.3 O EFAP desenvolve algum projeto e/ou curso que motiva o empreendedorismo?

SIM NÃO

Se sim, Quais?

3.4 Das características empreendedoras abaixo, assinale aquelas que você identificou no componente curricular?

Liderança Motivação e superação

Comprometimento e determinação Propensão de assumir riscos

Criatividade, autoconfiança, habilidade, capacidade de adaptação

Iniciativa e ação

Orientação a metas

Investimento e crescimento pessoal

Inovação

Outras: _____

4. SOBRE A FORMAÇÃO EDUCACIONAL E A ATUAÇÃO PROFISSIONAL

4.1 Após o componente curricular “Gestão rural, planejamento e projeto” você se sentiu motivado em gerir o seu próprio negócio?

Sim Não

Qual? _____

4.2 O conhecimento adquirido no EFAP em sua formação pode contribuir para a implantação do seu negócio?

() Muito () Pouco () Nada

Em caso positivo, descreva abaixo quais serão as contribuições mais significativas:

4.3 Ocupe o espaço abaixo, caso queira, para fazer algum comentário:

Obrigado!

APÊNDICEE - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

EMPREENDEDORISMO E EDUCAÇÃO: O USO DA PEDAGOGIA EMPREENDEDORA NA FORMAÇÃO DO TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA DA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DO PACUÍ –MACAPÁ/AP

Eu, Darlene do Socorro Del-Tetto Minervino, aluna de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, convido-o para participar de um estudo que tem como objetivo analisar as influências da contextualização prática do conhecimento teórico como princípio educativo, por meio do Projeto de mestrado sobre o tema- Empreendedorismo e educação: O uso da Pedagogia Empreendedora na Formação do Técnico em Agropecuária da Escola Família Agrícola do Pacuí-Macapá/AP, sendo o estudo realizado nas instalações da Escola Família Agrícola do Pacuí- EFAP, através da aplicação de questionário aos membros da escola (diretor, professores, alunos e pais e/ou responsáveis). Este projeto garante o anonimato da identidade dos estudantes.

Pelo presente consentimento, declaro que fui informado(a) e estou ciente dos objetivos e procedimentos a que serei submetido(a) e dos benefícios do presente estudo. Fui igualmente informado:

- 1- do direito de receber resposta a qualquer pergunta ou dúvida sobre esta pesquisa;
- 2- da liberdade de retirar meu consentimento a qualquer momento para participar da pesquisa;
- 3- do direito de ser mantido o anonimato da minha identidade e ter minha privacidade preservada.

Declaro que tenho conhecimento da realização da pesquisa, bem como de sua finalidade e concordo em participar das atividades elaboradas pela pesquisadora citada neste termo de consentimento.

Macapá, ____ de _____ de 2014.

Nome do(a) estudante: _____

Assinatura: _____

Contato: Darlene Del-Tetto
Telefone: (96) 8115-5470
E-mail: darlene.del-tetto@ifap.edu.br